

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FONAUDIOLOGIA E FISIOTERAPIA**

**Fonoaudiologia e Envelhecimento: letramento digital como ação
de promoção de saúde na velhice**

Jason Gomes Rodrigues Santos

São Paulo
2008

Jason Gomes Rodrigues Santos

**Fonoaudiologia e Envelhecimento: letramento digital como ação
de promoção de saúde na velhice**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Fonoaudiologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a.Denise de Oliveira Teixeira.

São Paulo
2008

Ao meu tio George que gostaria de vê-lo velho

Agradecimentos

Fazer um TCC não é tarefa fácil, embora não seja isso o que escutamos ao longo do nosso último ano de graduação. Talvez seja a forma que professores, pais e amigos tenham de nos encorajar nesta jornada. Agradeço aos professores pela formação e a todos que, de algum modo, me deram forças para chegar onde cheguei. Em especial:

Aos meus pais, pela garra com que lutaram durante toda nossa vida, em meio a tantas adversidades, buscando minimizar as dificuldades e potencializar aquilo que devia ser vivido com alegria;

Ao meu irmão, Jam, pelas conversas de todos esses anos, pelos muitos momentos em que tocamos e continuaremos tocando juntos e por tentar me convencer todo dia que é possível crescer sendo uma eterna criança apaixonada pela música;

À Denise Teixeira, professora e orientadora, que me acolheu em momento já avançado para início deste trabalho. Quero aqui registrar minha gratidão por ter sido tão cuidadosa em momento de difícil decisão. Suas palavras ainda ecoam aconchegantes dentro de mim. Faço delas as minhas próprias para dizer-lhe que, além de professora e pesquisadora competente, *sensível e comprometida com seus desejos e escolhas* é ela e por isso eu a respeito e a admiro muito. Privilegiado sou eu por ter sido seu orientando;

À Heloisa Collins, pela disponibilidade com que aceitou argüir meu trabalho, fazendo uma leitura que me permitiu dar um salto de qualidade na sua concretização;

À Camila Petrasso pelo apoio em Cristo.

À Natty Ribeiro, pela parceria a princípio tão inusitada, por não sermos muito próximos até então, mas que rendeu e continuará rendendo bons frutos, *thanks partner*;

Às minhas meninas, todas, por preencherem minha vida masculina com cores, cheiros e sons, logo às sete e meia da manhã. À Re, pela ternura, sorriso e abraço de todos os dias. À Amanda, à Nani e à Fé, pelo carinho.

À Coda, Claudia Perrotta, pela amizade e parceria que formamos desde o Projeto *Práticas*;

À Lucia Masini, por ser especial e importante nessa minha jornada. Lu, obrigado por cumprir tão bem o seu papel de professora, orientadora e supervisora. Obrigado por ser amiga, não apenas nos momentos de alegria, mas por me acolher em momentos de angústias. Obrigado também por acreditar e investir em mim. Você se tornou fundamental neste momento da minha vida.

E, por último, por ser o primeiro em tudo, sempre, agradeço a Deus, autor da minha vida, aquele que me tem feito ir além do que meus olhos podem ver.

Agradeço ao Programa Universidade Para Todos, PROUNI, pela bolsa concedida.

Índice

Introdução	1
Capítulo I: Envelhecimento: Ninguém se prepara para isso	9
1.1 A velhice na história da humanidade	9
1.2 Sujeito do envelhecimento	15
1.3 O velho e os espaços sociais	19
Capítulo II: Letramento Digital: Nenhum cidadão fora dessa nova ordem social	24
2.1 Letramento, origens e conceitos	24
2.2 Letramento Digital: prática social	29
2.3 Informática e os velhos	33
Capítulo III: Material e Método	35
Capítulo IV: Os velhos e o encontro com o computador	40
Capítulo V: Considerações finais	69
Referências bibliográficas	72

A página infinita da Internet

25 de novembro de 2008

Acabamos de sair da conferência de imprensa de São Paulo, a colectiva, como dizem aqui.

Surpreende-me que vários jornalistas me tenham perguntado pela minha condição de blogueiro quando tínhamos atrás o anúncio de uma exposição estupenda, a que é organizada pela Fundação César Manrique no Instituto Tomie Ohtake, com os máximos representantes e patrocinadores, e com a apresentação de um novo livro à vista. Mas a muitos jornalistas interessava-lhes a minha decisão de escrever na “página infinita da Internet”. Será que, aqui, melhor dito, nos assemelhamos todos? É isto o mais parecido com o poder dos cidadãos? Somos mais companheiros quando escrevemos na Internet? Não tenho respostas, apenas constato as perguntas. E gosto de estar escrevendo aqui agora. Não sei se é mais democrático, sei que me sinto igual ao jovem de cabelo alvoroçado e óculos de aro, que com os seus vinte e poucos anos, me questionava. Seguramente para um blog.

José Saramago, 86 anos

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FONOAUDIOLOGIA E FISIOTERAPIA**

**Fonoaudiologia e Envelhecimento: letramento digital como ação
de promoção de saúde na velhice**

Jason Gomes Rodrigues Santos

Resumo

Diferentes campos do conhecimento apontam para a necessidade de repensar as concepções de envelhecimento e de sujeito que têm norteado as mais distintas práticas profissionais dirigidas aos velhos e para a necessidade de elaboração de ações que considerem a velhice para além da dimensão biomédica que tem caracterizado, hegemonicamente, as ações no campo da saúde.

Por outro lado, a diminuição do status social do velho também está relacionada ao rápido desenvolvimento tecnológico dos anos recentes, sendo que uma das conseqüências dos avanços tecnológicos é a desvalorização das habilidades dos mais idosos, tornando suas contribuições imediatas para a sociedade menos relevantes.

A atuação fonoaudiológica em instituições públicas de saúde, articulada à crescente ênfase dada à promoção de saúde no campo da saúde coletiva, tem demandado a reflexão sobre as práticas de saúde coletiva que vêm sendo implementadas por fonoaudiólogos para a promoção da saúde. Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo investigar a viabilidade e a importância de ações de fomento ao letramento digital de velhos como uma possibilidade de promoção de saúde.

Para tanto, foram implantadas oficinas de iniciação ao uso de tecnologias digitais para população acima dos sessenta anos, em uma associação de moradores e comerciantes de bairro paulista, durante três meses, com duração de 4 horas semanais. Os dados coletados foram analisados à luz da literatura relacionada ao envelhecimento e letramento

Concluimos que possibilitar ao velho entrar em contato com o universo digital, de forma significativa e disponível para os aspectos próprios da velhice, permite não só a apropriação do uso do computador, mas também contribui para o sentido de pertencimento social, imprescindível à promoção de saúde.

Palavras Chave:

Envelhecimento

Fonoaudiologia

Inclusão digital

Letramento

Introdução

Em 2005, ingressei na PUC-SP, no curso de Fonoaudiologia, como primeira opção. Tendo me inscrito no programa PROUNI e realizado seu exame de seleção, minha pontuação também me dava condições de fazer o curso na USP. Foi a coordenadora do colégio em que estudei que me aconselhou a seguir a formação da PUC-SP. Conselho aceito, hoje devo a ela, inicialmente, tudo o que construí nesta universidade.

Meus primeiros contatos com o curso se deram pela minha formação musical. Por tocar teclado, participei, logo no primeiro ano da graduação, de atividades acadêmicas como músico. Foi assim que tive o meu primeiro contato com a área de voz: tocando num evento denominado *Semana da Voz*. Ali, aproximei-me de amigas que cantavam. Música, canto, voz, parecia uma possibilidade de caminho a seguir que cultivei durante um bom tempo durante a graduação.

Nos dois primeiros anos, entrei em contato com várias disciplinas, tanto da área da linguagem, quanto da voz e da audição, mas não tinha muita condição, nem pretensão, de definir o caminho a seguir no trabalho de conclusão de curso. Um ouvido musical e um pé na música pareciam me levar às áreas da voz e da audição, mas ainda não tinha certeza desse caminho.

No segundo ano da graduação, a possibilidade de fazer estágio em programa de formação para professores, elaborado pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e estudos da Linguagem da PUC-SP aproximou-me da área da linguagem. Tratava-se do projeto de formação

continuada *Práticas de Leitura e Escrita na Contemporaneidade*, para 10.000 professores de ensino médio da rede estadual de educação, como um curso de aperfeiçoamento à distância. Baseado nas reflexões do Círculo de Bakhtin sobre linguagem e enunciação – em especial, na Teoria dos Gêneros do Discurso - o programa visava uma reflexão por parte dos docentes de Ensino Médio – de todas as áreas e disciplinas – sobre as práticas de letramento, de leitura e de escrita que se exercem, tanto na escola como fora dela, na tentativa de compatibilizar as exigências sociais da contemporaneidade quanto aos tipos e níveis de letramento e as práticas escolares. (COLLINS, BARBOSA & ROJO, 2005: 1)

Minha função como estagiário era a de acompanhar o trabalho de um grupo de mediadores, averiguando e computando o resultado das atividades em desenvolvimento, para fornecer dados que permitisse à coordenação adequar as atividades com vistas ao cumprimento do programa e cronograma do curso.

Concomitante as atividades de estágio, cursei disciplina com a professora Lucia Masini que compartilhava dos mesmos pressupostos conceituais e, também, exercia a função de mediadora de algumas turmas do *Práticas*. A Teoria dos Gêneros do Discurso de Mikhail Bakhtin passou a ser referência de meus estudos e práticas mobilizando meu crescente interesse pela linguagem.

Um outro conhecimento adquirido antes do ingresso na universidade contribuiu, a meu ver, não só na seleção para o referido estágio, bem como na definição posterior de caminhos de atuação na fonoaudiologia: a informática.

Foi um ano de intenso trabalho no *Práticas* e de aproximação com professores da fonoaudiologia e da lingüística que não só dele participavam como partilhavam das visões de sujeito e linguagem. Passei a ter vontade de aprofundar meu conhecimento e conversando com a professora Lucia Masini, surgiu a possibilidade de realizar pesquisa de Iniciação Científica. Assim, sob sua orientação e em parceria com a colega Natally Ribeiro, desenvolvemos o projeto *Redes de ações sociais e o impacto no índice de letramento de duas comunidades da zona sul de São Paulo: estudo para ações fonoaudiológicas prospectivas*.

Esta pesquisa tinha como objetivo traçar a cartografia de duas comunidades do município de São Paulo, a saber, Varginha e Paraisópolis, segundo as ações sociais nelas existentes e analisar o impacto de seus trabalhos no letramento de suas populações. A idéia de relacionar ação social e letramento partiu de dois pressupostos:

1. Um fluxo de comunicação da rede que atinja os usuários e, portanto, trabalhe em prol de sua autonomia, deve se dar por meio de situações discursivas significativas à população beneficiada. Cidadãos tornam-se autônomos quando capazes de discernir, escolher e construir seus próprios caminhos na busca de melhor qualidade de vida.
2. O letramento da população é um índice significativo de sua autonomia e pode, por sua vez, fornecer indícios sobre a eficácia de uma rede de ações existente em uma dada região.

A pesquisa foi realizada durante o segundo semestre do terceiro ano e primeiro semestre do quarto ano de graduação. No final do terceiro ano, período de escolha das disciplinas eletivas, tinha, por conta do estágio e da pesquisa, uma certeza: queria disciplinas que me levassem a aprofundar o trabalho com a linguagem. Meus interesses iniciais em relação à voz permaneciam e assim, no último ano da graduação, cursei duas disciplinas eletivas: uma que focava a voz no teatro e outra a linguagem no envelhecimento.

A escolha pela disciplina que focava a linguagem no envelhecimento deu-se articulada aos resultados que surgiam na pesquisa de Iniciação Científica. Não só a cartografia das comunidades como os índices de letramento apontavam para a ausência de trabalhos voltados para os velhos que, em Paraisópolis, ficam fadados à ociosidade. Uma das características mais marcantes do letramento dessa população foi a ausência, quase que total, de conhecimento e uso de gêneros pertencentes à esfera digital. Nas discussões finais e conclusões de nossa iniciação, sugerimos a implantação de trabalhos voltados para essa população e, aproveitando meus conhecimentos de informática, uma das possibilidades de trabalho era o de introdução às tecnologias digitais de comunicação e informação, como atividade que viesse a fornecer incremento no letramento desta população e, quem sabe, contribuir para sua autonomia como cidadãos.

Embora tivesse com estas idéias razoavelmente articuladas, inicialmente elaborei projeto de trabalho de conclusão de curso (TCC) na área de voz: o estudo da voz do orador de igrejas evangélicas como construção de um

personagem. O tema parecia-me interessante, além de para mim ser bastante familiar, mas dificuldades operacionais afastaram-me da idéia, do tema e da área.

Em decorrência do projeto pedagógico do curso de Fonoaudiologia ,os trabalhos de conclusão de curso devem ser desenvolvidos em uma das disciplinas eletivas cursadas; assim, o tema de meu TCC deveria, então, versar sobre a linguagem e o envelhecimento.

Diferentes campos do conhecimento apontam para a necessidade de repensar as concepções de envelhecimento e de sujeito que têm norteado as mais distintas práticas profissionais dirigidas aos velhos e para a necessidade de elaboração de ações que considerem a velhice para além da dimensão biomédica que tem caracterizado, hegemonicamente, as ações no campo da saúde.

Leituras de estudos antropológicos (Debert 1999, 2005; Gusmão 2003, 2005) e psicanalíticos (Birman 2000; Goldfarb1998, 2004; Endo 2004) na disciplina eletiva ofereciam conceitos em relação às representações sociais da velhice na sociedade contemporânea, aos diferentes papéis sociais imputados aos sujeitos, a partir da institucionalização do curso da vida, e às conseqüências malélicas destas representações ao processo de subjetivação na velhice.

Renato Veras (2000) afirma que a diminuição do status social do velho também está relacionada ao rápido desenvolvimento tecnológico dos anos recentes. Afirma que uma das conseqüências dos avanços tecnológicos é a

desvalorização das habilidades dos mais idosos, tornando suas contribuições imediatas para a sociedade menos relevantes.

Ao longo do novo processo de orientação a temática de meu trabalho de conclusão de curso foi se articulando à trajetória acadêmica vivida, mobilizando meu interesse em estudar a relação dos velhos com a informática. Interessou-me, especialmente, investigar a viabilidade e a importância de ações de fomento ao letramento digital de velhos como uma possibilidade de promoção de saúde,

A atuação fonoaudiológica em instituições públicas de saúde, articulada à crescente ênfase dada à promoção de saúde no campo da saúde coletiva, tem demandado a reflexão sobre as práticas de saúde coletiva que vêm sendo implementadas por fonoaudiólogos para a promoção da saúde.

Este trabalho parte da conceituação de saúde e de promoção da saúde definida durante a I Conferência Internacional em Promoção da Saúde da OMS realizada em 1986 na cidade de Ottawa, no Canadá.

O documento elaborado durante o evento, a chamada “Carta de Ottawa”, define que os determinantes da saúde são: a paz, a educação, a habitação, o poder aquisitivo, um ecossistema estável, a conservação dos recursos naturais e a equidade que, como um dos focos da promoção da saúde, tem como objetivo reduzir as diferenças no estado de saúde da população e no acesso a recursos diversos para uma vida mais saudável.

A "Carta de Ottawa" conceitua a promoção da saúde como: *o processo de capacitação na comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo.*

É de especial importância nesta pesquisa a premissa de que a promoção da saúde não concerne exclusivamente ao setor saúde propriamente dito. Ela é o resultado de ações intersetoriais, agindo nos determinantes gerais da saúde e da qualidade de vida. Cada setor (educação, geração de trabalho e renda, habitação, lazer e cultura, transportes, meio ambiente, assistência social, etc.) deverá ter suas estratégias de atuação coordenadas pelas chamadas "políticas saudáveis".

Ações voltadas ao fomento e incremento do letramento digital na velhice foram entendidas como estratégias intersetoriais de promoção de saúde porque imprescindíveis para o exercício da cidadania, delineando a questão central deste trabalho:

Ações de incremento do letramento digital do velho contribuem para a produtividade subjetiva na velhice isto é, a apropriação dessa prática social contemporânea favoreceria a participação social na velhice imprescindível para a promoção de saúde?

Este trabalho de conclusão de curso representa uma tentativa de responder esta questão. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura pertinente à questão e implantadas oficinas de iniciação ao uso de tecnologias digitais para população acima dos sessenta anos, em uma associação de

moradores e comerciantes de bairro paulista, durante três meses, com duração de 4 horas semanais.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos uma revisão da literatura sobre o envelhecimento, focalizando estudos da antropologia e da psicanálise. No segundo capítulo, discutimos o conceito de letramento à luz das novas tecnologias de comunicação e sua apropriação por cidadãos acima de sessenta anos. No terceiro capítulo, abordamos o material e o método adotados nesta pesquisa. Os capítulos seguintes referem-se à análise dos dados e às discussões finais sobre o que, em nossa análise, foi alçado com a pesquisa realizada.

Capítulo I

Envelhecimento: Ninguém se prepara para isso

Os velhos não são caducos. Caduca é a sociedade que reluta em aceitar o ciclo da vida.

Adaptado de Martha Medeiros

Se há um desafio a ser enfrentado em todos os países, este se encontra no modo como se lida com o envelhecimento populacional, realidade mundial resultante, sobretudo, da queda das taxas de fecundidade e de mortalidade. Projeções estatísticas apontam que, em 2015, um bilhão de pessoas no mundo terá mais de 60 anos, representando mais de 15% da população mundial (GOLDFARB, 2001:12)

Inicialmente ocorrido nos países desenvolvidos, ainda no início do século XX, o envelhecimento populacional tem acontecido de forma significativa nos países em desenvolvimento. O crescimento da população velha tem se acentuado nos últimos anos.

As representações sociais da velhice na sociedade ocidental

Na antiguidade, a velhice era considerada um fenômeno, uma vez que muitas doenças eram fatais e os cuidados com a saúde e higiene eram precários. Os poucos que chegavam a uma idade mais avançada eram valorizados e respeitados por suas famílias. Segundo Mascaro (2004), o Estado obrigava, sob pena de multas e prisão, que os filhos cuidassem dos pais.

A velhice também se mostra rara na Idade Média e passa a ser entendida de formas distintas, a depender de condições determinadas, como sexo e classe social.

Os velhos que pertenciam à camada social dos senhores feudais eram claramente valorizados e respeitados ao contrário dos trabalhadores rurais. Com relação ao gênero, os viúvos mereciam o respeito e obediência dos mais novos enquanto as viúvas eram comumente destinadas à pobreza e solidão (Goldman, 2007:8).

Vemos, na Baixa Idade Média, época do renascimento cultural e urbano, uma questão que está presente na sociedade atual: a evidente valorização do corpo belo da juventude em detrimento do corpo da velhice. Mascaró diz que: *A velhice do corpo, a decadência física e a perda do vigor da juventude são vistas nessa época como naufrágio* (p31).

A valorização do corpo jovem, principalmente do corpo da mulher jovem, trazia um desprestígio muitas vezes cruel para o velho dessa época, principalmente quando pensamos na mulher idosa que era, nas palavras de Mascaró, *cruelmente desprestigiada, sendo comparada muitas vezes a uma feiticeira*.

No século XVII, a velhice ainda permanecia sendo um período vivenciado por poucos. Na Europa, a expectativa de vida era baixa e os velhos existentes eram claramente valorizados em decorrência de suas posses. Assim, a

valorização do velho continuava atrelada à classe social. Os velhos pobres eram abandonados e muitas vezes encaminhados para hospitais ou asilos.

Nos séculos seguintes, XVIII e XIX, a expectativa de vida aumentou na Europa, mas ainda assim os velhos que não eram monarcas ou chefes de famílias importantes, nem possuíam posses, não encontravam, no espaço público, bem como no privado, espaços para conviverem e assim seus dias resumiam-se à espera da inevitável morte sem vida social.

O Brasil colonial passava por um momento em que parecer mais velho era um modelo, já que a valorização da sociedade brasileira daquela época se concentrava na figura do velho patriarca, respeitado por netos, filhos, empregados e amigos. Era comum jovens que se vestiam com roupas escuras e mantinham a barba para estabelecer uma aparência mais velha. Mascaro diz que a figura do homem velho perde valor apenas a partir do fim da era Colonial, no decorrer do Segundo Reinado, embora a imagem do patriarca ainda se mantivesse valorizada.

No século XIX, a vida dos velhos passou por mudanças significativas em decorrência dos progressos da medicina e das práticas de higiene e saúde pública. Mascaro afirma que o desenvolvimento urbano, a revolução industrial, o êxodo rural e as descobertas científicas garantiram um aumento significativo na expectativa de vida, muito embora apenas as classes sociais mais altas fossem beneficiadas de tais aspectos. Mascaro afirma ainda que a figura da viúva permanecia desvalorizada e que era grande o número de velhas em asilos e casas de misericórdia, por conta de o segundo casamento para as mulheres ser mal visto pela sociedade.

No final do século XIX, a velhice passa a ser considerada uma fase da vida em que as perdas, a dependência, solidão e incapacidade são as palavras que melhor traduzem a imagem que a velhice passa a ter. Debert (1999) afirma que a indiferença e o descaso com que os idosos eram vistos, nessa época, coincidiu com crescente lógica do capitalismo de consumo e produção de riquezas.

Assim, temos uma desvalorização cada vez maior da velhice já que a idade valorizada é a da produção, portanto, a idade adulta, na qual o sujeito está em plena participação no trabalho e na produção de riquezas, sendo o velho um mero beneficiário de programas do Estado.

Debert afirma que é nessa época que a velhice passa a ser cercada por imagens negativas que vinham atreladas à decadência física e à pouca participação na sociedade por parte dos velhos. Ainda segundo a autora, essa imagem permaneceu até o momento em que os acadêmicos passaram a ter a velhice como objeto de estudo, em meados dos anos 60.

A tendência desses estudos era a de procurar características que pudessem definir experiências comuns na velhice. A autora diz que essa tendência acabava por não considerar contextos sócio-econômicos e singularidades. Apenas a partir dos anos 70 é que os acadêmicos passaram a considerar questões como classe social, gênero e etnia trazendo novos olhares acerca das singularidades e da diversidade do processo de envelhecimento.

Os anos 70 são marcados ainda pelas ações de políticas públicas que dessem benefícios aos velhos e visassem melhoria na qualidade de vida dessa população, o que contribuiu para a diminuição, no imaginário popular, de que velhice está atrelada à incapacidade, decadência e impossibilidade de realizar projetos.

No Brasil, o número de indivíduos acima dos 60 anos, que era de 2 milhões em 1950, saltou para 6 milhões em 1975 e para 14,5 milhões, em 2000. A cada ano, 650 mil pessoas são incorporadas à população com mais de 60 anos no país. Projeções estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, apontam que, em 2020, haverá mais de 30 milhões de idosos no país; o que representará 13% da população total.

Associado ao envelhecimento populacional, houve significativo aumento da longevidade em nosso país. Nos últimos cinquenta anos, a expectativa de vida no Brasil aumentou em 20 anos. Segundo técnicos do IBGE, o significativo aumento da expectativa de vida no país - em 1950, a expectativa de vida dos brasileiros ao nascer era de 43,33 anos, saltando para 68,55 anos em 2000 - resulta das melhorias de condições de saúde e da rede de saneamento básico, além do surgimento de novos medicamentos e da difusão dos programas de vacinação. Estima-se que, em 2050, a expectativa de vida do brasileiro, ao nascer, será de 81,3 anos.

Se, sob uma perspectiva, o aumento da expectativa de vida é uma boa nova porque pode representar uma melhoria na qualidade de vida da população, por outra, anuncia desafios a serem enfrentados: quais políticas públicas estão sendo efetivamente implantadas para dar conta das

especificidades e necessidades da população envelhecida? Que programas sociais estão sendo pensados para acolher os velhos na sociedade? Como gerir o sistema previdenciário com o aumento de aposentados?

A visibilidade social da velhice já se faz presente em nosso país. Setores da indústria, comércio e serviços já observaram que os velhos constituem uma camada da população em condições, ainda que sejam mínimas, de incrementar o consumo. Cotidianamente, a mídia veicula propagandas destinadas e protagonizadas por velhos e velhas felizes e dispostos a aproveitar bem o tempo de vida que lhes resta. É possível dizer que raramente se “falou” tanto sobre o velho. Os discursos públicos pela inclusão do velho se fazem, quase que cotidianamente, presentes em toda mídia, assim como o aumento da produção acadêmica, na área de estudos sobre o envelhecimento, que culminou com a recente criação de cursos de graduação em Gerontologia no Brasil.

O turismo também tem investido na chamada, eufemisticamente, terceira idade, com roteiros e pacotes específicos para esta faixa etária, quer seja por meio da iniciativa privada assim como por programa do Ministério do Turismo (Programa viaja mais, melhor idade). Para quem ainda tem autonomia física e financeira, já não é mais preciso esperar algum membro da família convidar para fazer uma viagem: tem um pacote para cada perfil de viajante.

O sujeito do envelhecimento

Mas, de que velho estamos falando? Ou dito de outra forma, que velho pode acompanhar e usufruir os serviços e bens de consumo veiculados pela mídia? Que “terceira idade” estaria reservada para a maioria de nossa população?

Pesquisa pioneira na investigação das percepções dos idosos brasileiros em relação ao envelhecimento e ao contexto social em que estão inseridos - *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na 3ª Idade*, realizada, em 2006, pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o SESC Nacional e SESC SP, indica as carências e necessidades no âmbito pessoal e público dos idosos brasileiros.

A pesquisa foi realizada em 204 municípios pequenos, médios e grandes de todas as regiões do país. Para coleta de dados foram entrevistadas 2.136 pessoas com 60 anos ou mais e 1.608 pessoas de 16 a 59 anos de idade, a partir do interesse de também investigar a imagem que os mais jovens têm da velhice.

Os dados obtidos apontam que a imagem de velhice está principalmente associada a aspectos negativos, tanto para os próprios idosos (88%), com para os não idosos (90%). Dentre os aspectos referidos pelos entrevistados, as doenças, as debilidades físicas, o desânimo e a dependência física são os principais sinais de que a velhice chegou, corroborando visões sobre o envelhecimento como período somente de perdas. A expressiva maioria dos não idosos (85%) e dos idosos (80%) refere existir preconceito contra a velhice

no Brasil. Mas, poucos admitiram ser preconceituoso em relação à velhice: apenas 4% dos não idosos.

Araújo e Carvalho (2004), em pesquisa realizada em João Pessoa, procuraram compreender quais as representações sociais que dois grupos de velhos, de contextos sócio-econômicos distintos, possuíam acerca da velhice. O referencial teórico utilizado para falar de representações sociais vem de Jodelet (apud Araújo e Carvalho, 2004) que afirma que conhecer as representações sociais de um determinado grupo é uma forma de compreender a realidade do cotidiano, uma forma de conhecer os valores, as ideologias, a comunicação, a bagagem cultural dos grupos sociais e como eles se inter-relacionam.

O intuito do referido trabalho era o de verificar se havia diferenças nas formas de representar a velhice e o processo de envelhecimento humano, para dois grupos pertencentes a classes sociais distintas.

Os resultados são bem interessantes. Dados revelam que tanto um grupo quanto o outro mais negam a velhice do que a aceitam. Ricos ou pobres, os velhos não se dizem velhos. As afirmações mais recorrentes são 'eu não tenho velhice', 'ninguém gosta da velhice' (Araújo e Carvalho, 2004).

A negação da velhice desdobra-se na negação do envelhecimento físico, do desgaste físico, sendo mais observada no grupo de alto poder aquisitivo, uma vez que o ideal da beleza jovem ainda se faz muito presente. Muitos sacrifícios são feitos mais para a manutenção de um corpo jovem que para um envelhecer saudável. Podemos dizer que, na perspectiva de um olhar para os

sinais biológicos do envelhecimento, assumir-se velho é sinônimo de doença e de perdas.

Outras representações muito citadas, na mesma pesquisa, são: segregação social, os preconceitos e a rejeição familiar (esta última mais observada no grupo de baixo poder aquisitivo).

Vemos então, por um lado, representações negativas da velhice e, por outro, a crescente visibilidade que ela adquire mundialmente e, em particular, em nosso país, como citado anteriormente. Como lidar com esta contradição?

Há uma forte tendência de transformação da imagem da velhice para um momento privilegiado, de realização pessoal e prazer. Então, se a velhice é agora entendida como uma fase de gozo dos prazeres e realização pessoal, como utilizar um termo há muito utilizado para denominar objetos sucateados, sem utilidade, como o substantivo *velho*?

A psicanalista Delia Goldfarb (1998) diz que o termo velho passou a ser utilizado apenas em seu caráter de adjetivação e, portanto, sua função como substantivo – o/um velho - deixou de ser utilizada. Em seu lugar, figuram termos como “senhora da terceira idade”, “idoso”, “o senhor de idade avançada”, entre outros que se referem ao que a autora define como inominável para o homem da modernidade. Em suas palavras:

Na literatura específica sobre o tema, uma das primeiras questões a chamar a atenção do leitor é o uso freqüente de eufemismos para nomear a velhice e tudo o que a ela se refere; falida tentativa de suavizar o peso que a palavra “velho” causa na nossa sociedade. Parece-me que a

velhice, como alguma coisa da ordem do diabólico, não pode ser nomeada sem provocar medo e rejeição. (p.09)

Talvez se acredite que o uso de metonímias para designar a velhice seja suficiente para encobrir as condições para a produtividade subjetiva na velhice.

Os estudos apresentados neste capítulo assinalam que as representações sociais contemporâneas da velhice estão marcadas por visões cristalizadas de decrepitude e perda maléfica ao sujeito do envelhecimento na medida em que excludentes da participação e função social.

Representações que estão marcadas pela idéia de que envelhecer é adoecer.e que, como vimos no trabalho já citado de Araújo e Carvalho (2004), dificulta a elaboração desta fase da vida.

O velho e os espaços sociais

Como se configura a circulação do velho nos espaços sociais ?

Se, em relação às formas de inserção social, o que os velhos percebem e muitos vivem, como explicitado na pesquisa citada, é a segregação social, podemos inferir daí que poucos são os espaços sociais a eles destinados, ou, ao menos, reconhecidos como sendo deles.

Goldfarb (1998) alerta que é necessário que se reflita sobre as ações destinadas à inclusão social na velhice, afirmando que “os velhos sabem que a maioria das estratégias que a eles se destinam não passa de uma bem intencionada tentativa de entretenimento. Uma necessidade de mantê-los ativos para que não se deprimam e adoeçam, quando neles existem grande força de trabalho e liberdade de pensamento. A sociedade acredita na sua inutilidade e tenta mascará-la com atividades sem sentido”. (GOLDFARB,1998:119)

Para a autora, na contemporaneidade, o lugar do velho seria o *não-lugar do mal-estar*.. Em suas palavras:

“não-lugar, pois, embora a partir dos investimentos das últimas décadas sejam reconhecidos como sujeitos, sendo incluídos no panorama social contemporâneo (até porque seria impossível não incluir o grupo etário que mais cresce), os velhos são empurrados para as bordas da estrutura social, são reconhecidamente obrigados a uma subjetividade ancorada na passividade, a uma pobreza de trocas simbólicas, e à renúncia ao papel de agentes sociais; são empurrados a uma perda de todo o poder sobre si mesmos” (GOLDFARB,1998:42).

Ao analisar as formas de sofrimento produzidas pela cultura, a autora afirma ainda que é preciso reconhecer que apesar da situação dos idosos ter mudado nos últimos anos,:

“Ainda persiste uma visão negativa, desinvestida e desvalorizada. Além do que, pelo fato de serem sujeitos próximos do fim da vida, encontram-se numa situação de fragilidade, tanto no que diz respeito à sua saúde quanto no que se refere ao aspecto social. Podemos notar como são afetados por perigos reais que vão da violência urbana até a ameaça da perda dos direitos adquiridos pela aposentadoria. Ameaças, que sem dúvida, provocam efeitos na subjetividade. (:21)

Goldfarb complementa que a subjetividade não é “ da ordem do originário- biológico, psíquico ou social, não importa - é sim, da ordem da produção, sendo que cada cultura e cada época histórica oferece diferentes condições e padrões de produtividade subjetiva.” (.21-22)

Consoante com a posição de Goldfarb sobre as condições de subjetivação na velhice, o psicanalista Paulo Endo (2002) afirma que, em relação ao envelhecimento em nosso país, é preciso considerar que:

“ O velho ou é um empecilho ou é um problema, ou é alguém favorecido, goza de favorecimento e não de direitos. Por isso todo cidadão considera que pode usurpar o direito do velho: o motorista de ônibus que acha que não deve parar o coletivo para um velho, o passageiro que não deve ceder o assento preferencial ao velho, etc. Em nossa sociedade, o velho ocupa um lugar que não lhe pertence e, portanto, é-lhe negado de forma constante e cotidiana. Isso é feito de muitas e inúmeras formas. Desde formas mais indiretas como, por exemplo, dizer que o Brasil é um país jovem até a criação de certos guetos onde o idoso deveria ficar e permanecer. Isto tudo está a favor, é claro, de um processo de exclusão em que o próprio sujeito se exclui a fim de evitar o conflito inevitável que sua inclusão viria a gerar” (. 60- 61)

O autor é contundente ao afirmar que a inclusão pensada nestes termos impõe uma série de conflitos que o velho terá de enfrentar, caso queira se habilitar ou se colocar como sujeito. Prossegue dizendo que o inevitável confronto é “agravado na medida em que, subjetivamente, o velho tem que dar conta dessa opção de ter de ser incluído, ou então ele abdica desse lugar (...) onde não só ele é desabilitado, como é desabilitado e hostilizado. Então, a reação dele teria de ser uma reação, no mínimo, agressiva, na qual ele teria que entrar na arena”(p.61)

Segue sua análise da condição de desabilitação dos velhos pela sociedade dizendo que:

“No caso do velho uma coisa que ocorre com freqüência e parece deliberada é que, no Brasil, o velho simplesmente não freqüenta o espaço público, ou se freqüenta, ele tem que se armar, tem que ser uma espécie de paladino, porque ele não tem as condições elementares para freqüentar o espaço público e ter nele um lugar de convívio, um lugar onde haja uma interlocução para esse velho”. (p 61-62).

Minha recente experiência de atuação em Centro-Dia do Idoso, bem como o acompanhamento da prática realizada em Unidades Básicas de Saúde (UBS) corrobora os dizeres de Goldfarb e de Endo, na medida em que aponta indícios que de não só os espaços sociais destinados aos velhos são restritos, como as práticas a eles destinadas são, na grande maioria, endógenas. As atividades propostas para os velhos são entendidas como práticas que se encerram em si mesmas, sem ter um caráter de construção, transmissão e circulação de conhecimento, com exceção feita a alguns trabalhos pontuais, dependendo muito mais da percepção e boa vontade de gestores do que de uma característica específica do trabalho em si.

Por atividades destinadas a velhos, é comum observamos a oferta de oficinas de trabalhos manuais como costura, bordado, tricô, crochê, pintura e artesanato de modo geral. O produto dessas atividades tem pouca circulação, isto é, ou é feito para consumo próprio ou, no máximo, para figurar em algum bazar da instituição. Não se observa um movimento, de modo geral, de se reverter essas atividades em práticas que garantam, por exemplo, certa sustentabilidade para o velho. Primordialmente o que se busca é ocupar-lhe o tempo. É nesse sentido que consideramos que tais atividades encerram-se em si mesmas. Da forma como estão constituídas não acabariam por contribuir para a percepção de que são limitados e exclusivos os espaços sociais destinados aos velhos?

Também minha pesquisa de Iniciação Científica, já citada, revelou dados que reafirmam a idéia de limitação de espaços sociais para os velhos. Na comunidade estudada, Paraisópolis, apesar de os espaços serem de todos os moradores, alguns não são freqüentados. Exemplo mais marcante disso é o Telecentro. O protocolo de levantamento do perfil do letramento da população revelou que o letramento digital do velho (ao menos de Paraisópolis) é praticamente nulo. Nenhum morador acima de sessenta anos, que respondeu as perguntas do protocolo, reconheceu quaisquer gêneros discursivos pertencentes às esferas de atividade da internet.

Numa sociedade marcada pelo progresso tecnológico, ainda é grande a parcela da população mundial sem acesso às informações e ao conhecimento. Segundo Steinberg (1998), o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação ocorreu a partir da popularização do computador como instrumento de trabalho. Essas tecnologias permitiram a criação de uma

comunidade global de informação, a despeito de uma maioria da população que permanece marginalizada.

Azevedo e Souza (2003) referem que, atualmente, o mundo da comunicação está criando espaços mais acessíveis para os idosos, mas alertam ser preciso compreender que acessibilidade não significa apropriação e autonomia para fazer uso das novas tecnologias.

Consoantes com colocações de Azevedo e Souza (2003), concordamos com a necessidade de criação de ações de fomento ao letramento digital na velhice, entendendo que poderiam ser uma possibilidade para as referidas apropriação e autonomia no uso das novas tecnologias.

Retomamos Renato Veras (2000) e seu alerta de que a diminuição do status social do velho também está relacionada aos avanços tecnológicos e a desvalorização das habilidades dos mais idosos, tornando suas contribuições imediatas para a sociedade menos relevantes.

Nesta direção, estudos da lingüística e da educação sobre o conceito de letramento à luz das novas tecnologias foram entendidos como necessários para atingir o propósito deste trabalho e serão apresentados no próximo capítulo.

Capítulo II - Letramento Digital

Nenhum cidadão fora dessa nova ordem social

*Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tientes de Connecticut
Gilberto Gil*

Letramento, origem e conceitos.

Quando ser alfabetizado passou a dizer muito pouco sobre o uso da escrita, surgiu a necessidade de um novo termo que melhor explicitasse a condição de ser letrado. Assim, segundo Soares (1998), letramento, tradução de *literacy*, foi o termo utilizado inicialmente na Grã-Bretanha, no final do século XIX, para designar a condição de fazer uso da leitura e escrita. Soares (2003) afirma que, embora a palavra *literacy* estivesse dicionarizada, nos EUA e na Inglaterra, desde o final do século XIX, só apenas no final do século seguinte é que o termo passa a ser utilizado com a finalidade que conhecemos hoje.

Letramento, literacia e illetrisme, termos usados no Brasil, Portugal e França, respectivamente, surgem, no final da segunda metade do séc. XX, para suprir uma necessidade, também observada nos EUA e na Inglaterra, de se nomear as práticas sociais decorrentes da leitura e da escrita.

Isto porque, como dissemos anteriormente, *o processo responsável pela apropriação de um código assim como das habilidades em utilizá-lo para ler e*

escrever denominado de alfabetização, conforme nos aponta Soares (2004:91), não mais correspondia à realidade social. Ser alfabetizado significava exatamente o quê? A preocupação até este momento, quando o assunto era a escrita, estava ligada a saber se o sujeito era ou não alfabetizado, ou seja, se conhecia o código da escrita. Soares afirma ainda que *letramento* está relacionado com o uso efetivo e competente do domínio do código escrito; isso quer dizer que letrado é o sujeito que domina a leitura e a escrita e por meio destas é capaz de atingir objetivos como obter alguma informação ou transmiti-la por meio do código escrito.

Vale ressaltar que, embora *letramento* e *alfabetização* possuam uma relação íntima, isso não quer dizer que ser alfabetizado é um pré-requisito para ser letrado, ou melhor, para fazer uso de práticas letradas. É possível que uma pessoa analfabeta participe de práticas letradas, seja por intermediação de um outro que é alfabetizado, seja por participar de práticas discursivas permeadas pela leitura e a escrita.

Soares (2006) afirma que letramento não é um conjunto de habilidades ou práticas individuais, mas sim o conjunto de práticas sociais em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social, sendo que a leitura e a escrita se fazem presentes nesse contexto.

Há duas importantes naturezas acerca de letramento: natureza individual e a social. No primeiro caso, o termo é visto como uma particularidade do sujeito e está relacionado à posse individual do ler o do escrever. Considera ainda que para que um sujeito seja considerado letrado, deve estar apropriado do código da escrita, sabendo ler e escrever. Deve-se tomar cuidado com esta

concepção, pois ela facilmente reforça uma categorização como *letrado/não letrado, alfabetizado/analfabeto*. Isso pode contribuir para a marginalização de pessoas que, por questões sócio-econômicas, não possuíram acesso ao ensino formal.

No segundo caso, Soares (2006) afirma que o termo é concebido como um fenômeno cultural e, portanto, decorre do conjunto de atividades sociais que envolvem a leitura e a escrita.

É a partir dessas duas concepções que surgem, respectivamente, os dois modelos mais usados atualmente de letramento: Autônomo e Ideológico.

Kleiman (1995) diz que Letramento Autônomo decorre da caracterização do termo pela *autonomia*, como sendo um produto próprio e completo em si mesmo, não possuindo relação com outro contexto para que se seja interpretado. A autora afirma ainda que se uma pesquisa sobre letramento examina a capacidade de refletir sobre a própria linguagem de sujeitos alfabetizados em comparação à de sujeitos analfabetos, logo o pesquisador entende que ser letrado é usar uma capacidade metalingüística em relação à própria linguagem. (p. 17)

Decorrente da natureza individual do letramento, a autora afirma haver falhas neste modelo, como a indiferença às questões culturais, o fato de ser etnocêntrico e economicista. Com isso, acaba contribuindo para a discriminação daquele que é “não-letrado”. A autora levanta ainda o fato de este modelo usar a escrita em detrimento da oralidade.

O modelo ideológico está intimamente relacionado com a idéia de que as práticas de letramento não são particularidades apenas da cultura, mas também das estruturas do poder dentro de uma sociedade. Ainda, segundo Kleiman (1995), se uma pesquisa estiver investigando como adulto e criança de um grupo social determinado, em comparação com outro grupo social, falam sobre um livro, com a finalidade de caracterizar essas práticas, e, correlacioná-las com o sucesso da criança na escola, entendemos que para o pesquisador letramento decorre de uma prática discursiva de um determinado grupo social, sendo relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve, a priori, atividades específicas de ler ou de escrever. (p.17-18)

Este modelo surge para dar relevância aos fatores culturais e se apresenta como alternativa menos preconceituosa e mais crítica ao significado de ser letrado. Kleiman afirma que neste modelo a leitura e a escrita são parte de práticas sociais como ler um manual, ouvir uma história e pagar contas, sendo, portanto, importante considerar a leitura e a escrita como práticas que servem a um propósito (não como atividades que possuem um *fim em si mesmas*, tal qual propõem o modelo autônomo).

Concluimos, dentro destes modelos aqui expostos, que o termo *letramento* pode ser definido, também, como uma condição de um indivíduo não apenas ter conhecimento de leitura e de escrita, mas do indivíduo que exerce as práticas sociais que usam a escrita.

Desta forma, hoje, não é possível se falar em letramento como uma 'capacidade' única. Existem letramentos múltiplos, pois múltiplas são as

condições de produção de textos que circulam socialmente. E se o termo se refere aos usos sociais que se faz da escrita, há de se observar e trabalhar com as capacidades de leitura e escrita que são envolvidas para a compreensão e produção de diferentes textos que se apresentam na sociedade.

Barbosa (2007) defende a necessidade de a escola preparar as crianças para a *multimodalidade* dos textos que circulam na atualidade. Trata-se, então, de *letramentos multisemióticos*, pois *compreender muitos desses textos supõe a articulação entre linguagem verbal e outras linguagens – os diferentes tipos de imagens, gráficos, tabelas etc. nos diferentes gêneros em que aparecem. Por essa razão, o adjetivo **multissemiótico** passou a ser uma das qualificações do termo letramento (p.41)*

Quando falamos em letramentos semióticos falamos, principalmente, de letramento digital. Ler e também escrever um texto no computador requer capacidades diversas das exigidas para se ler um texto de uma revista, de um livro ou da lousa da escola. Requer fundamentalmente a escolha de um caminho a seguir diante das múltiplas possibilidades que a tela nos oferece: o texto em si, links para outros textos, *podcasts*, *popups*. Pode-se seguir o caminho que nos leve a um aprofundamento do tema, mas também aquele nos afunde num mar de inutilidades. Como discernir? Este parece ser um desafio da atualidade em termos de aprendizagem.

Letramento Digital: prática social

O século XX foi o momento histórico em que o processo de globalização ficou evidente, fronteiras econômicas e culturais foram derrubadas e o acesso à informação, assim como a interação entre pessoas de diferentes localidades do mundo, tornou-se imediato, reduzindo as distâncias geográficas a zero na rede mundial de computadores, conhecida como Internet.

Moran (2005) afirma que, quando falamos em Internet, estamos falando em megabytes por segundo de velocidade, em informações em tempo real, não lineares, que possibilitam a interação com o conhecimento e entre pessoas, permitindo a utilização de variadas multimídias, como: figuras, sons, vídeos, animações, textos entre outros, conforme citado anteriormente.

Estamos em pleno processo de incorporação de uma esfera de atividade que abre um leque de novas práticas sociais que decorrem das tecnologias da informática. Soares (2002) afirma ser este um momento extremamente favorável para refinar o conceito de letramento, agregando a ele as práticas de leitura e escrita, ainda que novas e incipientes, propiciadas pelas *tecnologias de comunicação eletrônica* (p.46). É interessante salientar que, como afirmam Rojo, Barbosa e Collins (2005), trata-se de mais um *letramento* e não de uma *alfabetização digital*. A idéia de inclusão neste universo não considera como suficiente o manejo de algumas ferramentas da internet, mas a capacidade de o sujeito se inserir em práticas digitais letradas de modo efetivo e significativo.

Encontramos, no meio digital, inúmeras possibilidades de interação, de práticas sociais e de gêneros discursivos circulantes neste meio,

que se tornam, cada vez mais, parte integrante de nossa sociedade. Perrotta (2008) aponta para importância em promover o letramento digital assim como a apropriação das ferramentas existentes no meio digital e dos gêneros discursivos circulantes nesta esfera de atividade humana.

De acordo com Rojo, Barbosa e Collins (2005):

As diferentes esferas de atividade humana, cotidianas e oficiais, elaboram diferentes formas cristalizadas de comunicação, diferentes “tipos relativamente estáveis de enunciados”, os gêneros discursivos. Postos em circulação em mídia digital, em especial na WEB, estes gêneros modificam-se e se perpetuam para satisfazerem as necessidades de diversas atividades humanas em ambiente virtual, como relacionar-se, comprar, pagar, investir, namorar, discutir problemas controversos, fruir de obras de arte (em bibliotecas, museus, rádios, discotecas, cinemas virtuais), buscar novas informações e conhecimentos na imensa rede hipertextual. (pág 7)

O sujeito que é letrado digitalmente tem acesso a um dos grandes avanços que a internet possibilitou à nossa sociedade: a democratização da informação, do conhecimento. A informação não é centralizada e a comunicação desta e dos diversos conhecimentos existentes na rede parte da iniciativa e do interesse do próprio sujeito que tem, ainda, a possibilidade de conferir em diversos outros espaços virtuais a veracidade do que encontrou em um determinado site. Dessa forma, a informação não é mais centralizada nos jornais televisivos e/ou escritos.

A internet tem criado espaços para a construção de saberes, comunicação e discussão de saberes. Segundo Lévy (2000), a internet possibilita uma comunicação absolutamente diferente da que é encontrada na mídia clássica, pois o conteúdo passa a ser interativo, ganhando a possibilidade de plasticidade.

Ainda segundo o autor, enquanto os meios convencionais de informação possibilitam uma interação de via única sem qualquer interação entre o emissor da informação e os diversos receptores, a internet abriu a possibilidade de uma via de mão dupla, e se podemos assim dizer, com infinitas possibilidades de troca, uma vez que na internet todos os “atores” podem ora ser receptores e ora serem emissores em uma constante interação entre pessoas com opiniões diversas e das mais diferentes localidades do mundo.

Ser letrado do ponto de vista das práticas sociais decorrentes do uso da leitura e da escrita possui um papel fundamental para que o sujeito se sinta atuante, participativo e possua também autonomia como cidadão. Ser letrado do ponto de vista digital passa a ser, também, fundamental na manutenção de um cidadão com tais qualidades, assim como garante a manutenção do olhar crítico e da construção de saberes partilhados e coletivos.

Xavier (2001) pondera que esse novo letramento exige o domínio de um conjunto de informações e capacidades que deve urgentemente ser trabalhado em instituições educacionais para que as novas gerações possam melhor usufruir dos avanços tecnológicos da comunicação e informatização de nossa época. Assim, a escola, que sempre teve um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem escrita, se vê também na obrigação de tomar para si a tarefa de *letrar* digitalmente seus jovens aprendizes. E isso parece ser ainda um grande desafio.

Como foi dito anteriormente, o uso da internet abre a possibilidade de construção de conhecimento por uma via de mão dupla: inúmeras e diversificadas interações são possíveis de acontecer na obtenção de uma informação ou conhecimento. Neste sentido, como salienta Xavier (op cit), na instituição educacional, a abertura para esta aprendizagem coloca em xeque a educação formal tradicional, em que o professor é o detentor do saber. As crianças e adolescentes que possuem acesso a computadores, em seus contextos familiares, muitas vezes, possuem mais informações que o próprio professor sobre determinado assunto. Se a função do professor não é mais a transmissão das informações, o que seria então?

Segundo dados do pesquisador americano, Tapscott, apresentados por Xavier, a geração de crianças e adolescentes que faz uso de internet na aprendizagem formal tende a desenvolver as seguintes habilidades: independência e autonomia na aprendizagem, abertura emocional e intelectual, preocupação pelos acontecimentos globais, liberdade de expressão e convicções mais firmes, curiosidade e faro investigativo, imediatismo e instantaneidade na busca de soluções, responsabilidade social, senso de contestação, tolerância ao diferente. Assim, espera-se que o professor seja: pesquisador e não mais transmissor de informações, articulador do saber e não o detentor único do conhecimento, gestor e motivador de aprendizagens e não mais avaliador de informações reproduzidas pelos alunos.

Como vemos, o letramento digital se mostra como um caminho ainda a ser desvendado pelas gerações mais jovens, mais atuantes na sociedade. Se é um desafio para estas camadas da sociedade, o que dizer para os velhos? Se

o letramento digital tem sido entendido como uma responsabilidade das instituições educacionais, como pensá-lo para aqueles que, há muito, deixaram as salas de aula?

2.3 Informática e os Velhos.

Todas as atividades humanas atuais sejam econômicas, políticas, culturais e sociais são permeadas pelo uso das novas tecnologias, especialmente pela Internet. Não ser capaz de fazer uso das novas tecnologias, de navegar na Internet, é o que se convencionou chamar de exclusão digital.

Os velhos da atualidade viveram sua juventude em uma época em que o acesso à informação, ao conhecimento, pressupunha a ida a bibliotecas e a arquivos de jornais. Hoje, esse movimento é algo praticamente impensável para os jovens, uma vez que, como dito anteriormente, a internet possibilita o acesso imediato ao conhecimento.

Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, , em parceria com SESC Nacional e SESC São Paulo, em 2007, citada anteriormente, revela que a cultura dos velhos para a obtenção de informação e conhecimento ainda é majoritariamente televisiva. 65% da população entrevistada diz ter a televisão como principal meio de obtenção de informação, seguido da conversa com outras pessoas (39%) e do rádio (26%).

A mesma pesquisa nos revela que apenas 10% dos entrevistados fazem uso do computador, sendo 3% uso constante e 7% uso esporádico. Em relação à internet, os dados seguem a mesma direção: 4% fazem uso da internet, sendo apenas 1% o uso constante.

Mas a vida atual tem exigido bem mais de seus cidadãos. Cartas, compras, transações bancárias, conversas estão acontecendo em alta velocidade e ficar fora disso corrobora a idéia de que vivem num tempo que não é mais deles e de que não há mais comunicação possível.

Segundo Sá (1999), a manutenção de estereótipos a partir dos quais se acredita que o velho não precisa, não quer e não é capaz de utilizar os recursos tecnológicos atuais precisa ser superada.

Arantes (2000) aponta para o fato de que o uso da informática é a garantia de uma comunicação mais efetiva com os mais jovens e como consequência, garante a sensação de reconhecimento em relação às práticas sociais ligadas à esfera digital.

Voltamos aqui para Debert (1999) que nos mostra que, desde o século XIX, os velhos são acompanhados por representações sociais que associam o envelhecimento à perda de papéis sociais, à perda de força, da destreza, da capacidade de adaptabilidade.

Há necessidade de transformação dessas representações, e garantir não apenas o acesso, mas a apropriação por parte dos velhos das novas tecnologias e seus usos pode, vir a ser um importante instrumento para outras representações sociais possam se configurar..

Capítulo III – Material e Método

Com o objetivo de investigar se ações de incremento do letramento digital do velho contribuem para a produtividade subjetiva na velhice, desenvolvemos oficinas de iniciação ao uso de tecnologias digitais para população acima dos sessenta anos,, na Associação de Moradores e Comerciantes de Paraisópolis, localizada no município de São Paulo. A atividade teve início em Setembro com término em Novembro. Inicialmente as oficinas ocorreram uma vez por semana, com duração de duas horas, objetivando a iniciação dos idosos participantes no uso da internet. No entanto, no decorrer das atividades, observamos a necessidade de duplicar o número de encontros por semana. Isto aconteceu a partir do terceiro encontro, quando os participantes começaram a ter contato com os computadores.

Foram realizados 12 encontros, às sextas-feira e sábados, no período matutino . Cabe ressaltar que os encontros de sábado tinham como objetivo revisar os conteúdos trabalhados no dia anterior, sem pressupor novos tópicos. Sábado, os participantes buscavam dissipar dúvidas e praticar nas máquinas o conteúdo assimilado.

Local das Oficinas

Como dito anteriormente, as Oficinas de Navegação na Internet aconteceram na União de Moradores e Comerciantes de Paraisópolis, instituição conhecida e respeitada por toda a comunidade.

A proposta inicial era a de se usar a sala do Telecentro que fica nesta instituição, mas isso não se concretizou. Assim, a biblioteca foi escolhida para a realização das oficinas. Mas, para nossa surpresa, a biblioteca foi desativada sem aviso prévio e, novamente, ficamos sem sala. Na análise dos dados, voltaremos a este assunto, porque a instabilidade em relação à fixação da sala é bastante significativa. Até o final das oficinas não obtivemos uma sala adequada às nossas necessidades, com acesso à internet, o que nos obrigou a modificar o conteúdo das oficinas. Isto, no entanto, não desanimou os participantes que, inclusive, gostaram da idéia de ter mais familiaridade com as máquinas antes de se aventurarem na navegação na internet.

Assim, o local que nos foi destinado era uma sala comum de aula de alfabetização de adultos, localizada no primeiro andar da União de Moradores. Sem mesas próprias para os computadores, tínhamos de improvisar juntando duas carteiras para cada máquina. Cabe salientar que a cada dia de oficina, os computadores eram levados à sala pelo mediador/pesquisador.

Os participantes

A formação do grupo de idosos interessados em participar da atividade deu-se mediante divulgação da proposta na comunidade, por meio de cartaz (em anexo) e divulgação oral à população que circula na União de Moradores.

O critério para participação nas oficinas foi a livre adesão dos idosos, para cujo esclarecimento elaborou-se termo de consentimento integrante do projeto. Desta forma, foram assinadas e datadas duas cópias do Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido por cada participante das oficinas; uma via ficou com ele e a outra com o pesquisador (em anexo).

Inscreveram-se doze pessoas, formando duas turmas de seis. Mas uma das turmas se desfez, porque cinco de seus participantes desistiram de participar. Na outra turma, houve uma baixa. Assim, seguiram adiante seis idosos com a entrada, no sexto encontro, de mais uma pessoa, o marido de uma participante.

Eis a tabela com alguns dados dos participantes. Cabe salientar que os nomes são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

Participantes	Idade	Conhecimento prévio de computador
Wanderlei	60	Nenhum
Rosa Maria	58	Uso do mouse na presença da filha
Helenice	69	Já trabalhou fazendo uso de computador
Antonio	62	Nenhum
Ana		Já frequentou Telecentro
Zuleica	61	Nenhum
Jonas	59	Nenhum

O equipamento

Foram quatro computadores usados nas oficinas, da marca Positivo, com sistema *Windows* instalado.

Além desses, o coordenador/pesquisador levava, a cada encontro, seu computador pessoal, *Macintosh*, emulando o *Windows*, e seu note onde fazia anotações dos encontros.

Foram, ao todo, cinco computadores usados por sete pessoas. Assim, em dois computadores, dois participantes ficavam juntos. Ao longo dos encontros procuramos variar as parcerias.

As oficinas

As oficinas tinham como objetivo, inicialmente, proporcionar a familiarização deste público ao uso do computador em atividades básicas, como: desenvolvimento de jogos, uso do *word* para familiarização do teclado e uso de algumas ferramentas da internet: sites de buscas, uso de e-mail e blogs. Como não tivemos acesso à internet, o uso de suas ferramentas não pode ser trabalhado.

Assim, as oficinas focaram os seguintes tópicos, que foram trabalhados conforme demanda do grupo:

- *Windows*, noções básicas de controle das funções fundamentais para o uso dos programas baseados neste sistema operacional;
- Controle do cursor pelo mouse;
- O clique simples e o clique duplo, botões direito e esquerdo;
- Ícones: para que servem e como abrir;
- O modo correto de desligar o computador; por que não desligar apenas no botão da CPU;
- Janelas: abrir e fechar, minimizar, aumentar (maximizar) e diminuir (restaurar);
- *Menu* iniciar e suas funções;

- Teclado: como usá-lo; funções das teclas *shift*, *capslock* e *backspace*;
- A área de trabalho (*desktop*): o que é, para que serve;
- Menus de opções (botão direito do *mouse*);
- Programas e arquivos: como abrir;
- Diferenças entre botões dos programas e ícones;
- Documentos: como criar, salvar e abrir;
- Programas diversos, como trabalhar com mais de um programa aberto; alternância de janelas;
- Lazer no computador: como ouvir música, como pintar;
- As diferentes versões de um mesmo sistema (*Windows*): estratégias para reconhecer as funções nas versões XP e Vista;

De todos os encontros foram feitos registros por escrito pelo coordenador/pesquisador.

Ao término da atividade, os idosos participantes deram seus depoimentos sobre as oficinas realizadas. Os depoimentos foram gravados em fitas de áudio e transcritos ortograficamente.

Todos os dados coletados foram analisados à luz da literatura estudada.

Este trabalho de conclusão de curso foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da PUC-SP.

Capítulo IV

Os velhos e o encontro com o computador

Este capítulo é dedicado à descrição e análise dos encontros realizados nas oficinas de iniciação ao uso de tecnologias digitais para população acima dos sessenta anos da comunidade de Paraisópolis. Como dissemos anteriormente, seu intuito foi o de verificar e discutir a viabilidade e a importância do letramento digital para a promoção da saúde dos velhos.

Questionamentos comuns a pessoas que não tem familiaridade com esta máquina, tais como: *nunca olhei para um computador; meu neto sabe mexer direitinho; tenho até medo de mexer*, serviram como parâmetro inicial para a escolha das temáticas das oficinas.

Consideramos a familiarização deste público ao uso do computador o objetivo central da oficina. Assim, não ter medo de mexer na máquina foi a primeira etapa, para que os participantes pudessem compreender, na prática, como tirar proveito de todos os recursos de um computador.

Nossa intenção inicial para a oficina era aprofundar os conhecimentos até a navegação na internet, mas dificuldades de ordem prática, já explicitadas na metodologia, impediram-nos de seguir até este ponto. Isto, no entanto, não causou prejuízo algum, ao contrário, possibilitou um maior conhecimento das atividades básicas por parte dos participantes da oficina, indicando-nos um primeiro aspecto fundamental no trabalho com pessoas mais velhas: o tempo dedicado a cada etapa de aprendizagem.

Assim, tudo o que havíamos planejado para a aprendizagem da navegação na internet ficou para uma segunda etapa da oficina, a ser ainda realizada, não fazendo parte, portanto, da análise dos dados desta pesquisa. Entendemos, no entanto, que a continuidade do trabalho se faz necessária e é desejada pelos participantes que, ao final, desta primeira etapa, mostraram-se muito mais confiantes em suas capacidades de usar um computador, como veremos.

Como também explicitado na metodologia, a intenção era utilizar o Telecentro existente na comunidade, mas não houve disponibilidade de horário para o desenvolvimento da oficina. Também a biblioteca que possui quatro computadores foi cedida para tal e, mais uma vez, vimos este espaço ser destinado a outro fim. Assim, desenvolvemos o curso numa sala comum de alfabetização de adultos que acontece na União. Até o final da oficina não obtivemos uma sala apropriada, embora a promessa de uma tenha sido renovada por duas vezes pelos gestores da instituição.

Impossível aqui não lembrar as palavras de Sá (1999) que afirma ser da sociedade o preconceito de que o velho não é capaz de aprender as novas tecnologias. Antes mesmo de lidarmos com os medos dos próprios velhos em relação ao computador, deparamo-nos com a descrença dos gestores da instituição, pessoas jovens, que, não acreditando na possibilidade de real aprendizagem dos participantes do curso, não se empenharam em buscar espaços apropriados para a utilização correta e adequada dos equipamentos. Arriscamo-nos a dizer que os gestores encararam a oficina tal como uma brincadeira de criança, uma espécie de faz-de-conta, que podia ser realizada em qualquer lugar.

A divulgação do trabalho também foi um aspecto que colaborou para esta idéia de que a oficina não foi encarada como uma atividade que poderia trazer resultados reais e significativos em termos da aprendizagem do uso do computador. Ela esteve, também como já dissemos, sob responsabilidade da União de Moradores de Paraisópolis, instituição considerada central na comunidade tanto pela localização quanto pela intermediação de informações e conflitos. É à União que os moradores recorrem quando possuem problemas diversos, por ser a mais antiga e respeitada instituição da região que atende às necessidades dos moradores. Assim, a divulgação da oficina pela União garantiria, de antemão, certa credibilidade ao trabalho. Triste contradição: ser divulgado pela União dava ao trabalho certa credibilidade que a própria União não creditava a ele.

E de que forma a falta de credibilidade se materializa? A data inicial do primeiro encontro teve de ser adiada, porque a divulgação não foi feita a contento. Foi preciso conversar novamente com os gestores para que eles compreendessem a necessidade de uma divulgação mais efetiva da oficina oferecida. Na ocasião da segunda data estipulada para o início dos trabalhos, a segunda sala reservada (a biblioteca) estava sendo utilizada para outro fim. Tivemos, então, de trabalhar na sala de aula comum também já referida, da própria instituição, localizada no segundo pavimento o que obrigava os participantes a subirem uma escada. Situação pouco apropriada para o público da oficina. Cabe salientar que os computadores usados em todos os encontros eram levados um a um pelo coordenador/pesquisador, a cada dia. Isto nos parece mais um dado que reforça a idéia de que a oficina era encarada como uma atividade temporária e também que não há espaços públicos destinados a

velhos. A eles podem ser destinados espaços improvisados, sem respeito às especificidades da atividade em questão (ausência de pontos de telefonia para uso de Internet, por exemplo) ou às necessidades específicas de um corpo mais velho (de todas as salas da União, foi destinada uma no pavimento superior, ignorando que algum participante pudesse ter dificuldade para subir as escadas).

Mesmo que diante de tantas adversidades, entendemos que deveríamos começar as atividades.

As oficinas

A primeira

Nosso objetivo no primeiro encontro foi o de recolher conhecimentos prévios sobre computadores e internet e as expectativas dos participantes em relação à oficina. Nele, também apresentamos os propósitos da oficina.

Vemos nos depoimentos iniciais dos participantes a idéia de que tudo o que está ligado à esfera digital é pouco reconhecido como pertencente ao velho.

Quando da análise dos dados de minha iniciação científica, já anteriormente citada, também observamos que a população mais velha pouco reconhece e faz uso de gêneros discursivos ligados à esfera digital. Paralelo a isso, também como dado da pesquisa, observamos que são poucas as ações sociais voltadas para essa mesma população. As encontradas são as que ajudam a população adulta a melhorar sua renda. Às mulheres são oferecidos

cursos de reciclagem de jeans, tricô e crochê, manicure ou outras atividades manuais. Aos homens, cursos técnicos de hidráulica, elétrica e construção. Aos mais jovens, cursos técnicos de informática. Vale salientar que a população que procura estes cursos é a que, potencialmente, se encontra ativa no mercado de trabalho e não a população idosa. Cursos mais voltados à área de educação são destinados ao público infanto-juvenil e isso reflete diretamente no letramento da população. Assim, dados referentes a esse aspecto revelam que é a população mais jovem que melhor reconhece e faz uso de gêneros discursivos diversos. À medida que aumenta a idade da população, diminui o uso e o reconhecimento dos gêneros discursivos. Aqueles ligados à esfera digital sequer chegaram a ser mencionados pela população idosa como pertencentes à sua vida cotidiana.

Isto parece ser considerado um dado natural por todos, inclusive pelos próprios velhos, como apontado por vários em seus depoimentos que veremos a seguir. Neste mesmo caminho seguem os gestores da instituição em que a oficina foi desenvolvida. Foi curioso observar que, no terceiro encontro, quando novamente a sala reservada estava sendo usada para outro fim, um dos gestores, ao ver o coordenador/pesquisador transportando os computadores para outra sala, perguntou-lhe se estava dando um curso sobre manutenção de computadores. Ainda não faz muito sentido para parte da população um curso de informática voltado para velhos.

Inicialmente, formaram-se dois grupos de participantes, que chegaram a funcionar em dois horários distintos de um mesmo dia da semana: sexta-feira pela manhã e sexta-feira no final da tarde. No entanto, o grupo da tarde se desfez. Não houve um motivo aparente, mas acreditamos que a desistência

esteja relacionada a uma tendência da população mais velha a preferir participar de atividades matutinas. Assim, estamos considerando como o público desta oficina, aqueles participantes que □freqüentaram□ os encontros realizados no período da manhã. São eles:

Receio de quebrar o computador da filha...

Wanderlei e Rosa Maria compraram um computador para a filha, mas têm receio de quebrá-lo. Wanderley, o pai, revela seu desejo de mexer no computador, mas nem chega perto. A mãe já chegou a digitar alguma coisa e a usar o mouse, mas sempre sob o olhar vigilante da filha. Resolveram fazer a Oficina quando perceberam que era somente destinada aos velhos e não à população de modo geral.

Gente carente e acolhedora, sinto-me bem aqui...

Helenice não é moradora da comunidade, mas sim do entorno: um dos condomínios do Morumbi. Sentindo-se muito sozinha, pois os filhos não a visitam com freqüência, passou a freqüentar a comunidade de Paraisópolis pois descobriu lá gente carente e acolhedora. Aposentada, trabalhou durante muitos anos na elaboração do Listão da Telefônica, tendo, portanto familiaridade com computadores. No entanto, esquecera de muita coisa e quando soube da Oficina, inscreveu-se para se atualizar e estar em contato com pessoas que a fazem se sentir bem.

O nosso tempo acabou, o tempo agora é deles...

Ana é uma senhora que estuda e quer fazer vestibular. Já □freqüentava o Telecentro, mas se sentia ocupando um espaço que não era dela. Diz demorar muito para digitar e navegar na internet e isso a incomodava quando

freqüentava o Telecentro, porque via jovens à espera de sua saída do computador. A Oficina a motivou exatamente pelo fato de ser somente para velhos como ela.

Agora tenho um tempo reservado só pra mim...

Zuleica sempre trabalhou para os outros, especialmente outros velhos. Foi cuidadora de idosos dependentes, já fez grupos de trabalhos para velhos e é responsável pela cozinha comunitária da União de Moradores de Paraisópolis. Quando soube da Oficina, inscreveu-se porque viu, neste trabalho, uma possibilidade de cuidar só de si.

Mesmo sem saber ler eu posso aprender a mexer no computador?...

Jonas é analfabeto por imposição de seu pai para que fosse trabalhar ainda criança. Só agora, depois de velho, é que conseguiu iniciar seus estudos e encontra-se em processo de alfabetização. Quando soube da Oficina, resolveu se inscrever porque sempre teve vontade de mexer num computador. Tem receio de não conseguir porque não sabe ler nem escrever ainda, mas resolveu arriscar.

Meu medo inicial me paralisava... Hoje, já comprei um computador...

Foi por incentivo da esposa que Antonio começou a freqüentar a Oficina, mas admitiu ir apenas a partir do quinto encontro. Chegou tímido, quieto e dividiu o computador com o Wanderley. Não tinha qualquer intimidade com um pc, pois jamais havia mexido em um. Considerado um tanto parado pela esposa, Antonio nunca teve coragem de ir a uma lanhouse. Wanderley foi quem o motivou para que se lançasse a usar o computador. Após os primeiros contatos e com a superação do medo inicial, mostrou-se mais à vontade. Em seu

segundo dia, disse que estava pensando em comprar um computador para praticar em casa. No encontro seguinte, já havia comprado o computador com sua esposa. De alguém que, segundo ela, era muito parado e não se interessava por nada, ele se mostrou muito motivado logo nos primeiros contatos.

De modo geral, os participantes não mostraram familiaridade com o computador. Foi também geral o sentimento de não pertencimento a este universo digital. Foi unânime o apoio às declarações de que o Telecentro não é um espaço deles, velhos, e sim de jovens. O fato de a Oficina ser exclusiva a pessoas acima de sessenta anos foi o melhor motivo para que eles se inscrevessem e se arriscassem a satisfazer o desejo de conhecer o mundo da informática. As atuais representações sociais do velho, referidas em capítulo anterior, estão marcadas pelo preconceito contra a velhice seja por parte dos próprios velhos seja por parte dos não-velhos, e uma das representações mais fortes é a de perda. Perda do vigor físico, perda da capacidade, perda do lugar nos espaços sociais. O interesse pela oficina deu-se fundamentalmente porque seria um espaço apropriado para eles, já que a possibilidade de freqüentar uma *lanhouse* ou o Telecentro é quase que invariavelmente seguida da sensação de invadir um espaço alheio. Invasão do espaço e do tempo, aspecto possível de ser observado, quando nos voltamos para o depoimento de Ana que se incomodava com sua lentidão para digitar, já que percebia que jovens a esperavam para usar o computador.

Estar entre iguais, de modo a poderem compartilhar dúvidas que não compartilhariam com jovens, deixou-os bem à vontade e acreditamos que, mais

do que um agrupamento, já tínhamos, logo nos primeiros encontros, um grupo em formação, ainda que os participantes possuíssem características distintas. Havia quem necessitasse de maior atenção em ser escutado, havia quem necessitasse de um maior tempo para a assimilação das ações realizadas. No entanto, observamos uma tendência à solidariedade entre os participantes, o que nos parece ter sido um aspecto positivo para o sucesso da oficina.

Segunda oficina:

Na segunda oficina, por impossibilidade de iniciarmos o contato direto com os computadores, continuamos com os depoimentos daqueles que não compareceram no primeiro encontro. Aliás, a presença inconstante de participantes é algo que foi considerado na dinâmica deste grupo. No decorrer dos encontros realizados, a frequência não foi a mesma. No entanto, parecemos que, ainda que tenham algumas faltas, todos estão com disposição para o trabalho.

Uma vez mais, o tempo parece ser o aspecto do trabalho com velhos que muito merece atenção. Com eles, não parece funcionar o tempo da imediatez na compreensão de novas informações, como também não se pode contar com uma progressão pré-programada de atividades. As faltas ocorrem por diversos motivos e não estão, na maioria das vezes, relacionadas à falta de interesse. Assim, para que um trabalho que pressuponha aquisição de conhecimento tenha êxito, é preciso que a programação seja circular, voltando sempre aos mesmos pontos. Desta forma, abarca-se os dois ítems citados: para uns, a retomada das informações para maior assimilação e, para outros, a

possibilidade de aprender um tópico novo, ainda que já tinha sido apresentado anteriormente.

Terceira Oficina:

Na terceira oficina, iniciamos o contato com o computador pelo que é mais básico e necessário ao grupo, dado o nível de conhecimento prévio dos participantes. Trabalhamos, então, com as ações de ligar e desligar o computador, abrir e fechar janelas, familiarizar-se com o menu iniciar e selecionar ícones.

Neste encontro, Ana foi a primeira a chegar. Aos poucos, outros três participantes chegaram: Helenice, Wanderlei e Rosa Maria. Demos, então, início aos trabalhos. Todos se posicionaram em cadeiras diante dos computadores presentes na sala. Interessante observar que aqueles que tinham já certa familiaridade com o instrumento, a saber, Helenice e Ana, sentaram-se diante dos pcs com mais desenvoltura, sem medo de tocá-los. Wanderlei e Rosa Maria, no entanto, esperaram uma autorização do mediador/pesquisador para que pudessem manuseá-los.

Uma preocupação inicial, e que se mostrou constante durante todo este encontro, foi a de se ter certeza de como ligar e desligar o computador sem o risco de danificá-lo. Wanderlei, a todo momento, queria se certificar do modo correto de ligar e desligar, pois tem essa preocupação em relação ao computador da filha. Observa-se aí, talvez, o desejo de ele mesmo poder usufruir do bem material que adquiriu para a filha, mas teme que seja o responsável por qualquer dano que venha a ocorrer no mesmo. Vale lembrar

que estamos falando de pessoas de baixo poder aquisitivo e a compra de um computador certamente corresponde à aquisição de um bem material que dificilmente pode ser repostado com facilidade. Computador, nas classes menos favorecidas, é um bem material durável, muito distante da idéia veiculada de que se trata de algo que rapidamente vira sucata. Soma-se a isso o fato da pouca familiaridade com suas peças e mecanismos e temos, então, o medo como um primeiro obstáculo a se transpor.

Assim, boa parte do tempo deste encontro foi dedicada à exploração manual dos componentes de um computador. Botões de liga e desliga, as teclas do teclado, o mouse e seus botões, o reconhecimento visual dos ícones fixos e variáveis que surgem na tela.

Foi-lhes explicado as funções do Windows e seu mecanismo de janelas para a apresentação de arquivos e programas. A compreensão do conceito foi geral. Todos entenderam que para se iniciar determinada atividade era preciso clicar no lugar certo que abriria a tal janela. O maior problema foi como fazer isso manualmente.

Wanderlei, ao manipular o mouse, perguntou: *Quem tem a mão dura para clicar rápido, o que que faz ?*

Paralelamente ao desenvolvimento do grupo desta oficina, o mediador/pesquisador desenvolveu trabalho semelhante com uma senhora de setenta anos. Tratava-se de uma mulher, Silvana, de classe média alta, que se viu diante da necessidade de saber lidar com o computador para poder acompanhar as notícias e os passos do filho, no trabalho, cuja agenda é

publicada em um site específico. Seu conhecimento prévio era nulo e como ela mesma dizia, não tinha muita memória e, portanto, era difícil de gravar o que aprendia. Minha hipótese inicial era a de que as dificuldades estariam relacionadas à compreensão da linguagem da informática e me preparei para explicar-lhe o mais didaticamente possível. Mas, para minha surpresa, o que ela havia dito sobre conhecimento nulo não era um modo exagerado de dizer, mas sim a pura realidade. Ela não sabia nada mesmo, nem ao menos ligar o computador. Assim, passada a fase de apertar o botão certo para ligar, o maior obstáculo foi a familiaridade com o mouse: coordenar o modo correto de segurá-lo, posicionar os dedos sobre os botões e acionar o dedo correto para disparar a atividade pretendida. Dedos mais endurecidos, pouca força em segurar o mouse e pouca coordenação viso-motora para relacionar movimento do mouse com o movimento da seta na tela foram os passos que exigiram muito trabalho, paciência e disposição, pois observamos que disso decorre o sucesso ou o insucesso de qualquer ação pretendida.

Assim, quando Wanderlei levantou a mesma questão dos dedos pouco adaptados aos movimentos que o mouse exige, eu já havia contornado o problema lentificando o tempo de acionamento do duplo clique do mouse. Mas, observei que era preciso lentificar ainda mais. Feito isso, Wanderlei conseguiu cumprir a tarefa que era a de abrir o Word.

Todas as orientações quanto ao funcionamento dos programas são compreendidas rapidamente, ou seja, não há dificuldade cognitiva aparente. A dificuldade maior se encontra na área da coordenação motora, ou ainda, viso-motora.

Ao término do primeiro contato com o computador, o grupo cogitou a possibilidade de realizarmos os encontros duas vezes na semana, sendo a segunda de preferência aos sábados. Decidimos então por realizar um segundo encontro, não obrigatório, aos sábados no período da manhã, que seria utilizado para firmar o que aprenderam no encontro que acontece às sextas-feiras também no período da manhã: uma espécie de viabilização da circularidade anteriormente referida.

Na segunda oficina, as informações visuais do Windows se mostraram como um complicador para a familiarização do velho ao computador. São muitos ícones, dispostos em vários cantos da tela, e não só da tela, mas das janelas. Embora a noção cognitiva de janela tenha sido compreendida, seu reconhecimento visual na tela do monitor ainda requer alguma prática.

De modo geral, os participantes tiveram muita dificuldade em reconhecer os limites de uma janela, buscando-os sempre nos limites da tela. Assim, quando solicitado para fechar uma janela, levando o mouse para o ícone de fechar, todos invariavelmente levavam seus mouses e olhos para o canto superior direito da tela e não da janela. Assim, fechavam o programa e, naturalmente, perdiam-se sem saber o que fazer.

Desta forma, maximizar e minimizar janelas foi tema para muita experimentação, muito treino, para que os olhos pudessem mais rapidamente reconhecer as informações visuais e a mão e os dedos pudessem mais firmemente responder aos comandos propostos.

Outro aspecto diretamente ligado ao que foi dito é a pouca firmeza da mão ao usar o mouse. Ao primeiro movimento do duplo clique, vários foram os que fizeram o mouse andar, mudando assim o alvo escolhido. Como este movimento exige ainda atenção, foi muito comum observar que tanto os participantes, como a senhora do trabalho individual, não percebem que a seta na tela correspondente ao mouse mudou de lugar. Desta forma, eles se mantêm no propósito de cumprir a tarefa (por exemplo, abrir o Word), mas o mouse arrastado no primeiro clique já aponta sua seta para outro programa, quando então é dado o segundo clique. Somente aí, os participantes vêem o resultado de sua operação na tela e não encontram correspondência com o pretendido. E diante de novas informações na tela, o estranhamento e a paralisação por não saber o que fazer.

A dificuldade em manipular o mouse associada ao excesso de informações visuais na tela constitui-se uma importante preocupação a ser considerada num trabalho de iniciação ao letramento digital de velhos.

A idéia de fazê-los abrir o Word era para que se familiarizassem também com o teclado. Novamente, um exercício de destreza digital para mãos mais velhas e acostumadas a trabalhos mais pesados.

A lentidão em encontrar as letras no teclado, fez com que alguns participantes ficassem com o dedo parado em uma delas, o que provocava uma sucessão da mesma letra na tela. Isto aconteceu várias vezes com Silvana. Somente quando ela conseguia digitar a palavra toda pretendida é que olhava para a tela e se surpreendia com o resultado. Daí era necessário, voltar, apagar e recomeçar a digitação.

Wanderlei foi o que teve maior dificuldade em lidar com o teclado. Encontrar as letras e adaptar a força dos dedos ao tocar as teclas. Ana e Helenice mostraram-se mais íntimas desse instrumento pelo uso e conhecimento que já têm do computador. Rosa Maria acompanhou o marido nas dificuldades, mas sua evolução foi mais rápida.

Para usarem o teclado, pedi-lhes que escrevessem *qualquer coisa*. Pode parecer estranho e fora de qualquer propósito, mas tem uma razão de ser. Trata-se de uma escrita sem parâmetros iniciais para ver qual seria a função mais imediata que dariam a ela. A escrita sem parâmetros iniciais remete o escritor ao sentido que mais imediatamente ele dá à escrita. É um pedido único, sem recorrência, apenas para esta identificação inicial das funções atribuídas à escrita.

Esta é uma estratégia utilizada, em um dos métodos clínicos fonoaudiológicos, quando do processo de avaliação da escrita de pacientes que trazem queixas nesta área. A intenção é tão somente saber qual o primeiro parâmetro que o paciente dá à sua escrita. Os resultados são sempre bem interessantes. Há quem diga que não tem o que escrever porque não tem o que copiar, ou espera que lhe faça um ditado, ou escreve palavras seriadas tal qual no contexto escolar. Há quem faça desse pedido uma oportunidade de registrar uma queixa ou um fragmento de texto significativo decorado. Há quem desenhe e há quem não escreva nada. Em cada uma dessas respostas, analisamos a postura do sujeito diante da tarefa e de sua própria escrita.

Observamos aqui também a postura dos participantes da oficina na execução da tarefa. Helenice foi a que mais tranqüilamente recebeu e executou a proposta. Escreveu, ainda que com dificuldade de encontrar as letras no teclado, a seguinte afirmação: Estou muito contente de estar participando desse curso. Mostrou maior autonomia no uso do teclado e das palavras. Atribuiu ao pedido de escrever qualquer coisa a função de comunicação de seu estado de espírito de estar lá entre nós.

Ana pareceu-nos inicialmente que seguiria o mesmo caminho que Helenice. Isto porque, imediatamente, pôs-se a escrever. Mas, apagou em seguida (sem que fosse possível a leitura) e ficou um tempo parada, talvez pensando no que iria escrever. No final, seguiu o mesmo caminho escolhido pelo casal, descrito a seguir.

Rosa Maria, titubeando para procurar as letras escreveu seu primeiro nome apenas.

Wanderlei, como disse anteriormente, demonstrou muita dificuldade com a tarefa, não só pela questão motora, mas, acreditamos, principalmente por a tarefa exigir-lhe a escrita. E, depois de muito pensar, optou por escrever seu próprio nome, não apenas o primeiro como fez sua mulher, mas o nome completo.

Helenice escreveu algo que dizia de si, com mais desenvoltura com o uso das palavras. Talvez fruto de suas experiências com outras situações letradas e com seu maior conhecimento da escrita. Ana tentou seguir seu caminho, mas provavelmente esbarrou em alguma dificuldade de escrita que

não nos foi possível identificar. Wanderlei e Rosa Maria, talvez mais cientes ou menos ousados diante de seus conhecimentos de escrita, não experimentaram nada além do conhecido. Todos escreveram algo que também dizia muito de si: seus nomes. Os três fazem parte da estatística dos alfabetizados e com um uso emprático da escrita.

Como dito anteriormente, esta atividade teve uma dupla função: a de uma exploração inicial do teclado e de uma breve aproximação do mediador/pesquisador à escrita de cada um. Reiteramos que o pedido de escrita sem parâmetros teve como objetivo apenas observar quais os movimentos individuais em relação à escrita.

No final desse terceiro encontro, os conceitos trabalhados foram retomados e eles ficaram experimentando o mouse e o teclado. Navegar na internet ficou para momentos futuros. O que eles precisavam nesse momento era perder o medo e se apropriar desse instrumento que não se apresenta na forma e ritmo que seus corpos necessitam.

É preciso que haja investimento nas ações que são dirigidas aos velhos. Lembrando Goldfarb (1998), criar ações ou espaços para os velhos que não sejam verdadeiramente destinados a eles significa mantê-los apartados da sociedade, perpetuando a *visão negativa, desinvestida e desvalorizada* ainda tão presente entre nós. No que diz respeito à oficina oferecida, não bastava dispor a sala com aparelhos se não prestássemos atenção aos aspectos até aqui citados. É preciso que haja adaptação ao que já existe para que haja a apropriação e reconhecimento de que este material também pode ser deles.

Quarta oficina:

Dia de chuva forte: apenas o casal Wanderley e Rosa Maria compareceram. Quem mora em locais de acesso mais restrito em Paraisópolis, ou que necessita de transporte coletivo não teve, neste dia, como sair de casa.

O casal mostrou mais intimidade com o computador. Wanderley, mais confiante, ligou-o sem problemas e sem esperar que o mediador/pesquisador fizesse qualquer indicação. O medo de desligá-lo de modo incorreto ainda persistia e era evidente sua necessidade em se apropriar desse conhecimento. Pediu para rever como *desligar o computador sem estragar, porque ligar é fácil é só apertar o botão*. O desejo de usufruir o computador de casa vem acompanhado do medo de causar algum dano e por isso a necessidade de conferir se está realmente operando este aparelho de forma que não o danifique.

Como Rosa Maria também pediu para rever essa questão, as atividades daquele encontro ficaram voltadas aos mecanismos de ligar e desligar o computador de modo correto. Foi possível verificar o quanto o excesso de imagens do Windows, seus ícones e balões de ajuda, dificultaram o casal.

Houve compreensão das etapas para um desligamento correto, mas manter o controle do mouse foi o grande vilão desta atividade. Wanderley se atrapalhou mais, já que o deixa escapar do ícone que queria clicar sendo

surpreendido pelo Windows que fez surgir caixas de informação e/ou balões de ajuda em outro lugar da tela. Embora existam para ajudar o usuário e dar o nome e a função de um ícone determinado, as informações que surgiram mais dificultaram do que ajudaram, principalmente nesse momento em que ainda possuíam pouca intimidade com a sensibilidade de movimentos do mouse.

Favorecer a parceria foi um aspecto bastante favorável para o desenvolvimento daqueles que apresentaram maior dificuldade. Rosa Maria, embora também tenha se atrapalhado inicialmente com a tarefa de desligar o computador, por ter uma habilidade maior com o mouse, obteve sucesso na atividade mais rapidamente. Assim que se viu confiante nas ações de ligar e desligar, acompanhou o marido que ainda tinha dúvidas de como agir.

Foi interessante observar o modo como ela se aproximou do marido, inicialmente apenas o observando para depois dar uma dica que poderia ajudá-lo: o lugar da tela em que ele deveria fixar o olhar. Quando conseguiu encontrar o caminho, Wanderley demonstrou muita satisfação em ter conseguido e disse: *Até que não é difícil, aparece coisa que confunde, mas esse negócio aqui não é tão difícil assim, olha só, a gente consegue só com ajudinha, mas agora vou fazer sozinho até aprender.*

Ao final desse encontro, Wanderley estava bastante empolgado com o fato de perceber que é capaz de aprender. Disse que nunca se arriscou a usar o computador que comprou pra filha por achar que não aprenderia, que aquilo não era pra ele, mas que agora está motivado para começar a por em prática, no computador de sua casa, o que está aprendendo. Rosa Maria concordou

com ele e contou que ela entrou num *site* de relacionamento com a filha, sendo ela a controlar o mouse e entrar nas comunidades existentes nesse *site*, ao contrário do que fazia antes, quando a filha lhe mostrava algumas coisas.

Por estes depoimentos, reafirmamos que a inclusão digital não se efetiva apenas facilitando o acesso ou a compra de computadores. Se faz necessário fornecer condições de aprendizado, de uso do computador. É somente pela apropriação e reconhecimento de pertencimento a este universo que a inclusão se torna verdadeira.

E pelo que observamos, a apropriação passa pelo treino do uso dos componentes da própria máquina: o mouse, o teclado e a tela necessitam ser repetidamente manipulados pelos velhos, a fim de que eles acomodem seus dedos, olhos e corpos aos movimentos precisos exigidos para o correto funcionamento dos programas.

Uma forma de exercitar movimentos com o mouse é o uso de jogos do Windows, tais como paciência e campo minado. É interessante observar que para Wanderley a meta era aprender a desligar o computador sem danificá-lo. Assim, usar o recurso de jogos não o motivou a mexer no mouse. Para ele, o mais interessante foi repetir e repetir as ações de ligar e desligar o computador.

Oficinas seguintes:

O trabalho da oficina sofreu algumas interrupções, pois a instituição teve de usar a sala para outras atividades, não avisando nem os participantes, nem

o coordenador. Esta atitude confirma um dos resultados encontrados na pesquisa de iniciação científica já citada: um problema de comunicação existente na rede de ações sociais na comunidade. A União de Moradores, que se caracteriza como a instituição central da comunidade não permite que o fluxo das informações circule entre os usuários, o que acaba por dificultar que os trabalhos existentes na comunidade sejam, efetivamente, conhecidos e freqüentados por eles. A recorrente falta de informação influenciou diretamente nos trabalhos da oficina, interrompendo a continuidade dos encontros. Felizmente, os participantes não desistiram e não desanimaram, comparecendo nos encontros posteriores que puderam ser realizados.

Descrever as atividades neles realizadas seria repetir o que já foi dito. Podemos afirmar que eles foram produtivos para a apropriação dos conceitos básicos para o uso do Windows e seus recursos. Os participantes do grupo não lamentaram tanto o fato de não termos podido acessar a Internet, porque puderam com mais tempo repassar as *primeiras lições* de coordenação visomotora. E isto nos faz reforçar o que dissemos anteriormente sobre o tempo destinado às atividades. O velho requer um tempo maior para assimilação dos mecanismos requeridos para o uso do computador. Trata-se muito mais de uma necessidade de destreza física que de intelectual, que pode ser adquirida com o uso dos componentes.

No entanto, acreditamos que se tivéssemos o recurso da navegação na Internet, esta tarefa mecânica ganharia mais sentido para alguns, pois nesses encontros posteriores surgiu a curiosidade de se saber mais sobre alguns recursos da *web*, como *blogs* e *sites*. Vimos que usar jogos do Windows para a exercitação do mouse foi algo possível, mas que não teve muita continuidade

pois não fazia muito sentido para os participantes que já não tinham essa prática de jogos de carta, por exemplo, em suas vidas cotidianas.

O tema *blog* levantado por um dos participantes suscitou curiosidade em todos, levando-os a explicitar o desejo de continuidade desta oficina para uma segunda etapa, em que fosse trabalhada a navegação na Internet.

Cabe aqui ressaltar o interesse de todos em criar um *blog* quando compreenderam que ele é uma espécie de diário virtual, no qual experiências vividas podem ser compartilhadas com milhares de outras pessoas. Uma das participantes, Ana, disse que tinha muita história para contar, da vida e do bairro, que era muito diferente quando veio morar nele. Wanderley também foi outro que gostou e disse que seria importante mesmo contar as histórias.

Este interesse em continuar a aprendizagem e em contar suas histórias para tantos outros internautas nos leva a pensar que esta aproximação com o mundo digital, ou, melhor dizendo, essa iniciação ao letramento digital é uma possibilidade viável de resgate de uma função social e de um lugar social. Ainda que seja virtual, a aproximação a pessoas desconhecidas pode contribuir para que o velho veja a si mesmo como alguém ainda produtivo, capaz de transmitir conhecimento que afete o outro.

A apropriação conquistada por esta oficina garantiu aos seus participantes certa potência para se colocarem mais ativos em suas vidas cotidianas. Mesmo sem trabalharmos com a navegação na Internet, durante os encontros da oficina, fora dela, sempre que tiveram oportunidades, alguns dos velhos lançaram-se a pedir ajuda e a dar as primeiras remadas no mar da *web*.

Um exemplo significativo veio de Wanderley:

“essa semana quis ver notícia da eleição e pedi pra minha filha me mostrar como que faço pra ver notícia no computador, ainda não consegui entrar sozinho e ela me ajudou, é mais interessante que ouvir na tv, vc pode ler só o que quiser né?”

O mais interessante nesta fala não está no fato de Wanderley pedir ajuda à filha para navegar na Internet, o que significa perda daquele medo inicial. O mais interessante está na conclusão que chega a partir da experiência vivida na net: *a gente pode ler só o que quiser, né?*

Retomamos pesquisa da Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC, citada em capítulo anterior, que diz que o maior meio de se obter informação para os idosos ainda é a televisão, vemos nesta fala, o início de uma mudança, qual seja, a passividade na obtenção das informações perdendo força e dando espaço a uma postura mais ativa. Ler o que quiser, buscar confrontar idéias, alimentar-se de outras fontes pode significar para o velho uma experiência que o coloque novamente mais próximo da vida social produtiva.

Os depoimentos finais dos velhos que participaram dos trabalhos da oficina corroboram essa afirmação. Também o depoimento da senhora que fez o curso particular caminha nesta direção. Seu relato nos parece interessante de ser aqui exposto, porque, com ela, o trabalho avançou até a navegação na Internet.

Isso aqui é muito bom, é quase uma terapia, sabia? Estava falando com minha nora sobre isso outro dia... E a gente não se sente velho, que dizer, sou velha, mas to atualizada, eu achei que não ia aprender isso, os meus netos já tentaram me ensinar, parecia difícil, achei q não era pra mim... agora tenho e-mail, leio notícia na Internet, posso ver fotos de outros lugares, aliás, queria procurar fotos do lugar que a minha filha foi viajar... (Silvana)

Estar velha, mas atualizada parece-nos ser um indicativo de uma velhice saudável, em que se observa as limitações mas com condições de acompanhar a vida. Ainda palavras de Silvana,

Você sabe que eu achei que não ia aprender? Imagina que há um tempo eu passei na frente de um lugar que dava uns cursos pra velho, mas pareceu aquela coisa chata, uma amiga minha chegou a fazer eu achei que era chato e não fiz nada, e pelo que ela falava era bem diferente desse nosso trabalho aqui. A gente pode viajar sem sair de casa, nem eu nem você precisamos gastar um dinheirão pra ir viajar não, tem tudo aqui, olha q maravilha essa foto... (o depoimento foi dado enquanto abria seus e-mails)

Ser velho e se sentir pertencente ao mesmo mundo dos jovens, crianças e adultos. Os depoimentos de Wanderley e Ana revelam a importância que é para o velho saber que ainda tem lugar na sociedade.

Eu sempre gostei de estudar, aparece uma coisinha pra aprender e eu to lá! Não me importo se só tem eu de velha, é só não ficar pressionando, eu leio eu pego livro sempre gostei desde pequena, mas tive que trabalhar logo cedo, né,

e parei de estudar no ginásio. Só depois de velha é que voltei a estudar e os professores falam que eu vou muito bem, o professor do colégio, quando eu terminei o supletivo disse que eu era uma das melhores alunas e que era só eu querer pra aprender. Agora com computador eu sempre quis aprender, já fui no telecentro, mas lá tem muito jovem, e aquele lugar é deles mesmo, o pessoal que trabalha lá tentava ensinar, mas os jovens ficam lá, em cima, esperando a hora da gente acabar. É muito ruim, ai não fui mais. Mas nunca achei que não podia aprender só que prefiro deixar os jovens lá, tanto que to aprendendo aqui, né? (Ana)

Ah, quando eu peguei o mouse já foi uma sensação muito boa, nunca me arrisquei a pegar o de casa, mas sempre quis. Me senti muito bem quando voltei para casa, liguei sozinho, dei umas mexidas e desliguei certinho!! Isso ai que tem gente que fala que é só para jovem, eu também posso, não é bicho de sete cabeças, não! Sabe que parece que faz bem isso ai? Não sei a Rosa Maria, mas eu fico bem quando aprendo uma coisa do computador.(Wanderley)

Poder fazer o mesmo que o jovem faz.

Apropriar-se desta nova tecnologia de comunicação pode significar para o velho muito mais do que a apropriação de uma nova ferramenta. *Poder fazer o que o jovem faz* parece revelar um sentimento de potência já há muito esquecido. E isso, segundo Wanderley, é muito bom! Um desdobramento desta pesquisa, com a continuidade dos trabalhos da oficina, poderia nos revelar o quanto esta nova experiência de potência poderia intervir nas representações negativas que o velho tem de si..

Anteriormente, citamos o fato de que a inclusão digital não se dá apenas pelo acesso a computadores, mas fundamentalmente pelo fornecimento de condições de aprendizagem próprias para esta população. Um olhar voltado para as necessidades dos velhos para que eles possam se apropriar deste novo conhecimento. Algumas falas dos participantes da oficina caminharam neste sentido, apontando para a importância de se ter um mediador do encontro do velho com o computador que entenda suas reais necessidades.

A gente pode mesmo, é só querer, e ter alguém que nem você que tem paciência para mostrar que não é difícil. Minha filha mostra algumas coisas, mas não tem paciência e eu não queria incomodar ela, afinal a gente comprou o computador pra ela usar, só que agora eu também quero eu mexer já que estamos tendo aula... engraçado que ela nunca fez, sabia? Tinha aquelas da escola, mas era pouco, aprendeu sozinha. Agora é a gente que está aprendendo e ela está tendo que deixar a gente usar (risos). (Rosa Maria)

Você sabe que o computador faz a gente se sentir melhor? É verdade, gente... Olha, eu não sou velha pra usar isso aqui não, e não tenho vergonha de pedir ajuda. Quando estou no telecentro peço mesmo, só parei de ir muito lá por conta dessa aula que está sendo muito legal. Quando o orientador do telecentro me falou que era só pra gente da minha idade, eu fiquei muito animada e está sendo muito bom, mas nós vamos continuar né? (...) Mas fiquei muito tempo sem usar e agora é tudo diferente, mas to me sentindo muito bem na frente dele agora, falei pro meu filho dessa aula, ele disse que ia me dar um computador que ele vai trocar o dele e eu vou ficar com o que ele usa, ele trabalha com edição de imagens, é um computador muito bom pelo que ele fala. E eu quero já estar sabendo tudo direitinho quando ele me der. Computador é pra velho também (risos) (Helenice)

Fiquei com medo de não conseguir, não leio direito ainda, mas até que dá, com alguém ajudando fica mais fácil, mas tem muita coisa escrita que eu não entendo né, mas vou conseguir, não to parado, to falando, vendo, comendo, aprendendo a ler, posso aprender esse negócio aqui também, todo mundo não aprende? Eu já me senti feliz só de ter mexido nessa setinha ai, no teclado, e escrever meu nome! (Jonas)

A certeza de que computador é para velho também ficou muito forte em todos os participantes da oficina e isso lhes despertou uma disposição para o uso não observada antes. Todo mundo aprende e o velho passa a se sentir incluído nesse conjunto. Como vimos no depoimento de Wanderley e Rosa Maria, sem medo eles passam a dividir o computador com a filha. Sem receio de não saber tudo, Jonas segue confiante. No depoimento a seguir podemos observar que esta potência desdobra-se em ações mais autônomas. O que antes era um desejo longe de se realizar, rodeado de fantasias de incapacidade, agora revela-se em firmes decisões.

To gostando muito viu, tanto que eu e a Zuleica já compramos um computador pra gente usar em casa, só falta chegar a internet, já ligamos pra telefônica e pedimos, você vai olhar pra gente quando chegar? (Antonio)

Mais uma vez, entendemos que a inclusão digital passa antes pela possibilidade de reconhecimento de pertencimento a essa esfera da vida social e para isso é necessária a real apropriação dessa tecnologia. Vale ressaltar que os participantes desta oficina são moradores de Paraisópolis, com exceção

de uma, e portanto, com condições financeiras bastante restritas. Isso, no entanto, não foi impeditivo para a compra de um computador. E por que a compra se deu só agora? É Zuleica, sua mulher, que responde:

Como eu tinha te falado eu tirei esse tempo pra mim, pra aprender uma coisa pra mim mesma, e ai arrastei o Antonio. Lembra que te falei pra dar atenção especial pra ele porque ele é muito parado? (risos) No fim, você nem precisou dar tanta atenção pra ele se interessar que ele já tava todo animado, chegou em casa já dizendo que ia comprar um computador que achava que dava pra comprar, e compramos. Agora é aprender direitinho né? Eu nunca fui lá no telecentro porque acho que ali é pras crianças não gosto de ocupar o espaço delas e aqui eu sinto que é pra mim e que eu não to incomodando ninguém, posso aprender no meu ritmo. Ta sendo muito legal, ninguém acredita que to aprendendo computador sabia? E to vendo que ta fazendo bem pro Antonio também, ele é sempre muito parado, não se interessa por nada e não é que ele está até fazendo mais coisa?

A experiência desta oficina nos permitiu observar que os velhos vivenciaram situações que os levam a questionar se é *natural* associar o envelhecimento à perda de papéis sociais, à perda de força, da destreza, da capacidade de adaptabilidade, como nos fala Debert(1999).

Em muitas das falas aqui transcritas, vemos que o incremento do letramento digital, mesmo que inicial, abriu possibilidades para algum sentimento de pertencimento social, tal como nos mostra Ana:

Quero fazer aquele blog que a gente conversou outro dia, contar as histórias... Esse Paraisópolis mudou, viu? Mudou muito! Agora parece uma cidade. Você acha que dá mesmo pra contar isso na internet? Se der, olha, eu vou escrever todo dia!

Estaremos todos esperando pelas histórias de Ana.

Capítulo V

Considerações finais

Perguntamos neste trabalho se as ações voltadas ao fomento e incremento do letramento digital de velhos, entendidas como estratégias intersetoriais de promoção de saúde imprescindíveis para o exercício da cidadania, inclusive na velhice, contribuem para a produtividade do velho.

A partir do que foi apresentado e discutido ao longo deste trabalho, acreditamos que tais ações contribuem sim para a produtividade subjetiva do velho, desde que sejam pensadas e articuladas para ele.

O fato de o trabalho ter sido pensado especificamente para o velho, e de estar atento às suas necessidades e dificuldades foi um fator significativo para a motivação do grupo. Estar entre semelhantes fez com que sensações de estar ocupando um espaço que não lhes pertence, como ocorria em relação ao Telecentro, fossem deixadas de lado e dessem lugar à motivação para se apropriarem do universo digital.

Mas não bastaria ser um espaço em que só velhos poderiam ocupar. Estar atento e disponível para olhar os aspectos particulares desta população, suas dificuldades e necessidades e procurar estratégias para a superação de tais questões contribuiu para que houvesse apropriação dos conhecimentos partilhados e para reconhecimento, por parte dos próprios velhos, de que este universo também é pertencente a eles.

Foi possível perceber o quanto é fundamental fornecer condições de aprendizado e uso do computador. Alguns velhos possuíam computador em casa, mas não os utilizavam pois não havia reconhecimento do mesmo e seu uso não parecia ser significativo. Não basta facilitar o acesso ou a compra de computadores. A chamada *inclusão digital* só se torna possível e verdadeira por meio da apropriação e do reconhecimento de pertencimento deste universo. E para o velho se faz necessário uma disponibilidade maior para que isso ocorra. Não por questões cognitivas. Eles precisam de um tempo maior para treinar seus dedos, olhos, corpos para que se acostumem aos movimentos refinados e precisos que um computador requer. Podemos perceber ainda que não é possível que isso ocorra por meio de atividades previamente programadas, deve haver sentido no treino para que, não apenas para o velho mas para qualquer pessoa, essa atividade não se torne cansativa. Entretanto, é importante que se tenha um mediador do encontro do velho com o computador que entenda suas reais necessidades.

Os velhos deste estudo nos mostraram que é possível sim contribuir para sua produtividade subjetiva por meio do fomento e incremento ao letramento digital. Pudemos verificar transformações subjetivas importantes como mudança de passividade para uma postura ativa na obtenção de informações. O trabalho desenvolvido permitiu a percepção de que é possível ir atrás da informação mais significativa, assim como a possibilidade de encontrar outras fontes de informações e confrontar idéias. Pareceu-nos que os velhos deste estudo passaram, claramente, a estarem mais próximos de uma vida social produtiva.

Concluimos, por fim, que possibilitar ao velho entrar em contato com o universo digital, de forma significativa e disponível para os aspectos próprios da velhice, permite não só a apropriação do uso do computador, mas também contribui para o sentido de pertencimento social, imprescindível à promoção de saúde.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para o debate teórico dinâmico e em processo, não temos a pretensão de oferecer achados e conhecimentos definitivos acerca do incremento do letramento digital de idosos. Buscamos oferecer a possibilidade de continuidade a estudos e ao desenvolvimento de ações que considerem que a apropriação e uso das novas tecnologias pelos velhos podem contribuir para a produtividade subjetiva do velho e, portanto, para a promoção de saúde na velhice.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, L. F. & CARVALHO, V. A M. Velhices: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupos de convivências. *Textos sobre Envelhecimento*, 1(6), 10-22.

AZEVEDO e SOUZA, Valdemarina Bidone de; MORAES, João Feliz Duarte de. Longevidade com qualidade de vida. In: DORNELLES, Beatriz; COSTA, Gilberto José Corrêa da. (orgs.) *Investindo no envelhecimento saudável*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BARBOSA, J.P. Múltiplas linguagens. Os diferentes tipos de letramentos hoje: (novos) desafios para escola. In: *Salto para o Futuro*. SEED-MEC, Boletim 18, 2007

ENDO, P. Sujeito histórico, sujeito psíquico. *Kairós*, caderno temático 2: *Psicogerontologia: contribuições da psicanálise ao envelhecimento*. São Paulo: Educ, 2002.

Fundação Perseu Abramo. *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, São Paulo, Edições SESC-SP, 2006

GOLDFARB, D. C. *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998

KLEIMAN, Ângela Bustos Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola IN KLEIMAN, Ângela Bustos (org) *Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LÉVY, P. Cibercultura - relatório para o Conselho da Europa no quadro do projecto “Novas tecnologias: cooperação cultural e comunicação”, Lisboa, Instituto Piaget. 2000

MORAN, J. M. Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, setembro-outubro 1995, p. 24-26

COLLINS, Heloisa ; ROJO, R. H. R. ; BARBOSA, J. . Letramento Digital: um trabalho a partir dos gêneros do discurso. In: Acir Mario Karwoski; Beatriz Gaydeczka; Karim Siebeneicher Brito. (Org.). Gêneros Textuais: Reflexão e Ensino. Palmas, PR: Kaygangue, 2005, p. 123-157.

SOARES, Magda. Concepções de linguagem e o ensino da língua portuguesa. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). Língua portuguesa: história, perspectivas, ensino. São Paulo: EDUC, 1998

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização In RIBEIRO, V. M. (org) Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global: Ação Educativa: Instituto Paulo Montenegro, 2003.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 2ª ed.

TEIXEIRA, Adriano Canabarro. Internet e democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social. Passo Fundo:UPF, 2002

XAVIER, Antonio Carlos. Letramento Digital e Ensino. In: Carmi Ferraz Santos e

Márcia Mendonça. (Org.). Alfabetização e Letramento: conceitos e relações. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 133-148